

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JÚLIA OLIVEIRA ROSA**

**O SISTEMA DE INTELIGÊNCIA DA CHINA (1927-2015)**

**Porto Alegre  
2015**

**JÚLIA OLIVEIRA ROSA**

**O SISTEMA DE INTELIGÊNCIA DA CHINA (1927-2015)**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik

**Porto Alegre  
2015**

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira Rosa, Júlia  
O Sistema de Inteligência da China (1927-2015) /  
Júlia Oliveira Rosa. -- 2015.  
65 f.

Orientador: Marco Aurélio Chaves Cepik.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Ciências Econômicas, Curso de Relações  
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Inteligência. 2. República Popular da China.  
3. Segurança. 4. Relações Internacionais. I. Chaves  
Cepik, Marco Aurélio, orient. II. Título.

**JÚLIA OLIVEIRA ROSA**

**O SISTEMA DE INTELIGÊNCIA DA CHINA (1927-2015)**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título Bacharela em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 08 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. Luiz Dario Teixeira Ribeiro – Examinador  
UFRGS

---

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Examinador  
UFRGS

Aos meus pais, Rosane e Julio, por terem me ensinado a apreciar a leitura.  
À minha irmã Gabriela, por ser muito mais legal que eu.

## AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, é preciso agradecer ao povo brasileiro e ao governo federal, por ter investido na UFRGS, que hoje me abriga com ensino de qualidade. Foram os gastos públicos que me permitiram estudar gratuitamente na minha primeira e na segunda graduação. É uma dívida para a vida inteira, que nunca me deixará esquecer das minhas origens. Por isso, aqui faz sentido agradecer à minha família (Oliveiras e Rosas), e aos meus pais, que sempre me apoiaram.

Academicamente, preciso agradecer ao meu orientador, Marco Cepik, pelo apoio, aprendizados e conselhos de vida durante toda a graduação, mas principalmente em 2015. Além disso, é necessário enfatizar a importância dos professores e professoras do curso, que me mostraram que o que eu estudo é o que eu amo.

Sem dúvida esse trabalho não existiria sem o Santander Universidades e a Relinter, que me permitiram conhecer a China e me apaixonar por aquele país, que infelizmente fica a 22h de distância. Sobre China, destaco aqui o professor José Miguel Quedi, que também me ensinou muito mais do que isso. Estendo o agradecimento ao João Arthur, a pessoa com quem mais conversei sobre o país e aos/as asianistas do curso pelas discussões e literatura compartilhada.

Para além da sala de aula, estar na UFRGS me proporcionou vivências incríveis, principalmente com os projetos de extensão. Agradeço à PROEXT e à FCE, ao apoio do professor Paulo Visentini e da professora Analúcia Danilevicz, durante o RIPE em 2014, à professora Sônia Ranincheski pela coordenação do MUNDI e do BIS, e por fim, ao professor André Reis, pelo enorme apoio com o UFRGSMUN em 2014 e 2015. Sem dúvida alguma, agradeço às equipes de centenas de alunos que fizeram parte desses projetos e do CERI nos últimos quatro anos da minha vida, principalmente o Secretariado do MUN 2014 e 2015. É impossível nomear todo mundo, mas vocês me ensinaram a ser maior do que eu mesma.

Aos amigos e amigas de sala, agradeço especialmente aos *estudantes* que foram e aos que não foram fisicamente, mas que estavam lá de coração. Um agradecimento gigantesco às manas da RI, que me mostraram que eu não estava sozinha. Destaco também o pessoal do CEGOV (que não são apenas colegas), pelos cafés e RUs, discussões sobre tanta coisa séria e tanta besteira, mas também por trabalharem arduamente. Agradeço ao DIGOV, pela inteligência (e à Giovanna pelas revisões). Ao H.O. pelo entretenimento e amizade fora das RI.

Por fim, só resta agradecer quem não me deixou enlouquecer nesses últimos quase 3 anos, mas principalmente nessa montanha russa que foi 2015, o melhor Rivotril e meu melhor amigo: Marcelo.

*“Don’t start that paper on China by saying ‘China is a great land mass!’”*  
DCI Walter Bedell Smith

*“The great enemy of communication, we find, is the illusion of it. We have talked enough; but we have not listened. And by not listening we have failed to concede the immense complexity of our society—and thus the great gaps between ourselves and those with whom we seek understanding.”*  
William H. Whyte

## RESUMO

O problema de pesquisa deste trabalho diz respeito a compreender qual o papel do Sistema Nacional de Inteligência chinês nas disputas de poder e na consolidação de novas lideranças dentro do Partido Comunista Chinês (PCCh)? Tem-se como hipótese de trabalho que o Sistema Nacional de Inteligência da China nasce das disputas internas do Partido Comunista, mas simultaneamente tem servido às necessidades das lideranças em busca de controle, que enxergam no aparato de inteligência um dos principais mecanismos de poder. Para verificar a hipótese de trabalho, é feita a revisão bibliográfica da história da China desde o início do século XX até 2015, com foco nas mudanças de poder e governo; em seguida, revisão bibliográfica sobre as instituições e agências de inteligência do PCCh e posteriormente da República Popular da China, incluindo o Exército de Libertação Popular. Assim, conecta-se a história da China e das lideranças com as mudanças institucionais que ocorreram no aparato de inteligência, com destaque para a abertura, no governo de Deng Xiaoping e a criação do Ministério de Segurança do Estado. Nas considerações finais, aponta-se que as disputas de poder são mais claras previamente à década de 1980 e visíveis nas alterações do aparato de inteligência, enquanto tornam-se mais difusas após o fim da Guerra Fria – ainda que o governo de Xi Jinping (eleito em 2012) possa indicar uma retomada do uso do Sistema Nacional de Inteligência para centralizar o poder.

**Palavras-chave:** Serviço de inteligência; China; República Popular da China; Ministério de Segurança do Estado; Exército de Libertação Popular.



## ABSTRACT

The research problem of this work relates to understanding the role of the Chinese National Intelligence System in power struggles and consolidation of new leaderships within the Chinese Communist Party (CCP)? The working hypothesis is that China's National Intelligence System is born of the internal disputes within the Communist Party, but has simultaneously served the needs of the leaders in search of control, who see the intelligence apparatus as one of the main mechanisms of power. To verify the hypothesis, we reviewed the literature on China's history from the beginning of the twentieth century until 2015, focusing on changes of power and government; then literature review of the institutions and agencies of the CCP intelligence and later in the People's Republic of China, including the People's Liberation Army. Thus connecting the history of China and leaders with the institutional changes that occurred in the intelligence apparatus, especially the opening during the government of Deng Xiaoping and the creation of the Ministry of State Security. In the final considerations, we indicate the power struggles are clearer prior to the 1980s and visible in changes of the intelligence apparatus, as they become more diffuse after the end of the Cold War - although the Xi Jinping government (elected in 2012) could indicate a resumption of the use of the National Intelligence System to centralize power.

**Keywords:** Intelligence service; China; People's Republic of China; Ministry of State Security; People's Liberation Army.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O aparato de inteligência do PCCh em setembro de 1942.....	25
Figura 2 - Organização do DAS em 1942.....	26
Figura 3 – Evolução dos órgãos de inteligência entre 1927 e 1949.....	27
Figura 4 - Aparato de Inteligência da RPC.....	36
Figura 5 - Estrutura Executiva da RPC e do Sistema Nacional de Inteligência.....	40
Figura 6 - Estrutura Organizacional do Ministério de Segurança do Estado.....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>CICIR</b>	– Instituto Chinês de Relações Internacionais Contemporâneas
<b>CIR</b>	– Comissão de Investigação e Pesquisa
<b>DAS</b>	– Departamento de Assuntos Sociais
<b>DCI</b>	– Departamento Central de Investigação
<b>DGP</b>	– Departamento Geral de Pessoas do ELP
<b>DI</b>	– Departamento de Inteligência
<b>DIM</b>	– Departamento de Inteligência Militar
<b>DSECC</b>	– Divisão de Operações Especiais do Comitê Central
<b>DSPE</b>	– Departamento de Segurança Política do Estado
<b>ELP</b>	– Exército de Libertação Popular
<b>MRE</b>	– Ministério de Relações Exteriores
<b>MSE</b>	– Ministério de Segurança do Estado
<b>MSP</b>	– Ministério de Segurança Pública
<b>PCCh</b>	– Partido Comunista Chinês
<b>RPC</b>	– República Popular da China
<b>SASTIND</b>	– Administração Pública de Ciência, Tecnologia e Indústria para Defesa Nacional

## SUMÁRIO:

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>A REVOLUÇÃO CHINESA E A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: A EMERGÊNCIA DO SISTEMA DE INTELIGÊNCIA (1927-1982) .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>A guerra civil e o sistema de inteligência do Partido Comunista Chinês.....</b>	<b>17</b>
2.1.1	<i>O Teke.....</i>	<i>19</i>
2.1.2	<i>A reorganização da inteligência.....</i>	<i>23</i>
<b>2.2</b>	<b>A República Popular da China e o caminho para a consolidação do aparato de inteligência.....</b>	<b>28</b>
2.2.1	<i>A inteligência militar e o Exército de Libertação Popular.....</i>	<i>31</i>
2.2.2	<i>A Revolução Cultural.....</i>	<i>33</i>
2.2.3	<i>O fim da era Mao e as reformas de Deng Xiaoping: a institucionalização do sistema nacional de inteligência .....</i>	<i>35</i>
<b>3</b>	<b>A CHINA REFORMADA: DA CRIAÇÃO DO MSE (1983) AO GOVERNO XI JINPING (2012-2015).....</b>	<b>38</b>
<b>3.1</b>	<b>O novo Ministério e a institucionalização após as reformas .....</b>	<b>39</b>
3.1.1	<i>O Ministério de Segurança Pública (MSP).....</i>	<i>44</i>
3.1.2	<i>A China pós-Guerra Fria: o governo de Jiang Zemin .....</i>	<i>46</i>
<b>3.2</b>	<b>A modernização militar chinesa e seus reflexos para o sistema nacional de inteligência.....</b>	<b>48</b>
3.2.1	<i>A inteligência militar na era da reforma e a cibersegurança.....</i>	<i>51</i>
<b>3.3</b>	<b>O governo Xi Jinping e a China global: possíveis alterações no aparato de inteligência? .....</b>	<b>53</b>
3.3.1	<i>Os novos atores da política externa chinesa .....</i>	<i>55</i>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A China faz fronteira com 14 outras nações<sup>1</sup> e assim, possui um grande desafio geográfico. Atualmente a China é o país mais populoso do mundo, com 1.367.485.388 pessoas, com mais de 1 bilhão concentradas na área próxima ao litoral. Deve-se ter essas informações em mente quando se considera as dificuldades securitárias do país, entorno estratégico e as suas percepções de ameaça. Os territórios de Xinjiang, da Mongólia Interior, do Tibete e até da Coreia do Norte, são *buffer regions*<sup>2</sup> que protegem o leste populoso, onde localiza-se Pequim<sup>3</sup>.

O presente trabalho parte da ideia de que o universo da inteligência é profundamente fechado para aqueles de fora da comunidade, por naturalmente lidar com informações sensíveis, vinculadas à segurança nacional e ao desenvolvimento do país. O sistema nacional de inteligência chinês é pouco conhecido, assim como boa parte dos sistemas de inteligência fora do eixo EUA-Europa (CEPIK, 2003).

O **objetivo principal** é compreender como a evolução do Sistema Nacional de Inteligência da República Popular da China (RPC) ocorreu a partir das mudanças no Partido Comunista Chinês (PCCh) e no regime, buscando quais os caminhos percorridos para que tenha o formato atual (surgido em 1983). Já como **objetivos específicos**, tem-se:

- a) compreender as relações entre o sistema nacional de inteligência civil e militar e os tomadores de decisão na República Popular da China;
- b) compreender o nível de politização do sistema nacional de inteligência dentro do regime comunista da República Popular da China;
- c) discutir o modelo teórico vigente na literatura estadunidense de que a coleta de inteligência da RPC está altamente vinculada à espionagem “em grãos” ou “em mosaico” (MATTIS, 2012b);
- d) diferenciar a espionagem governamental da espionagem industrial.

---

<sup>1</sup> A saber: Afeganistão, Butão, Cazaquistão, Coreia do Norte, Índia, Laos, Mianmar, Mongólia, Nepal, Paquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Vietnã.

<sup>2</sup> *Buffer zone* é um conceito que surge da ecologia. Segundo a UNESCO, elas são zonas que adicionam uma “camada de proteção” aos locais onde se encontram Patrimônios da Humanidade (Fonte: UNESCO. World Heritage Convention. 14 mar. 2008. Disponível em: <<http://whc.unesco.org/en/events/473/>>). Todavia, na linguagem securitária, *buffer zone* e *buffer state* são termos que se referem a espaços geográficos que aproximam ou afastam duas nações potencialmente inimigas.

<sup>3</sup> Fonte: JANE’s Sentinel Security Assessment. **China and Northeast Asia**. Jane’s Sentinel Security Assessment. Abr. 2015.

Assim, o problema de pesquisa é o seguinte: *qual o papel do sistema de inteligência chinês nas disputas de poder e consolidação de novas lideranças dentro do Partido Comunista Chinês (PCCh)?*

Tem-se como **hipótese de trabalho** que o Sistema Nacional de Inteligência chinês nasce das disputas internas do Partido Comunista e tem servido como ferramenta de poder das lideranças.

A análise do presente trabalho parte de dois corpos teóricas: **as teorias de realismo das relações internacionais e os estudos de inteligência.**

A teoria realista estrutural (ou teoria neorrealista) de relações internacionais, cujo maior expoente é Kenneth Waltz (1979) possui duas conclusões principais. Primeiramente, o Sistema Internacional é anárquico, e aqui importa que as nações buscam a sua sobrevivência. Em segundo lugar, os Estados possuem diferentes capacidades que são causa de insegurança para os outros Estados. Partindo desses postulados, podemos inferir que a busca pela informação reduz tais percepções de ameaça, principalmente das grandes potências (JOHNSON, 2009, p. 37). Segundo Phytian (2009, p. 60), os países com maiores recursos humanos, financeiros e políticos, tendem a coletar a maior quantidade de inteligência útil, o que reduz as incertezas. Isso permite que tenham uma certa “vantagem comparativa” no momento de garantir a sua sobrevivência.

Em adição a esse pensamento, Mearsheimer (2001) afirma que os Estados são atores unitários, racionais, buscando maximizar poder em meio às incertezas. Assim, há o conceito de competição securitária e a crença de que os Estados irão utilizar a força para alterar ou manter o *status quo*. Destacamos que o realismo ofensivo de Mearsheimer está presente em muito do conteúdo produzido nos EUA acerca da China. Visto que o mundo parece mais complexo e cinzento, parte-se principalmente do ponto de vista de Waltz.

Para Zegart (1999, p. 4) a teoria realista ignora a política doméstica: “De fato, realistas podem tratar os Estados como atores unitários e racionais apenas por suporem que os processos domésticos não são problemáticos”. Assim, utilizamos também o pensamento de modo a compreender como questões internas afetam a atuação do Estado em relação à sua segurança. Zegart (1999, p. 7) propõe que em situações que falamos de organizações de segurança nacional, devemos ter em mente que estes têm a sua evolução relacionada: à estrutura na sua criação; aos interesses dos burocratas, presidentes e do Legislativo; a questões externas. Assim, o ambiente de incerteza – resgatando o que Mearsheimer levanta – constrange os atores a adaptar-se, respondendo às relações com organizações de segurança nacional de outros Estados (CEPIK, 2003).

A segunda parte teórica prevê a conceituação do estudo da inteligência, focando no que tem sido produzido em termos teóricos sobre a RPC. A inteligência é a atividade de coleta, análise, e disseminação de informações que possuam caráter relevante para a pessoa tomadora de decisão e compreendem uma coleta sem consentimento ou cooperação dos outros atores, sendo ilegal em muitas legislações (CEPIK, 2003, p. 27-28). Por sua vez, os sistemas governamentais de inteligência, do Poder Executivo, focam seu trabalho em informações “sobre problemas e alvos relevantes para a política externa, a defesa nacional e a garantia da ordem pública de um país”, que afetam e são afetadas pela vida política (CEPIK, 2003, p. 85). Há uma questão em disputa sobre a existência do controle democrático<sup>4</sup> ou da utilização dos serviços de inteligência governamental para fins próprios em regimes democráticos e mais ainda em regimes ditos autoritários (BRUNEAU, 2001; JOHNSON, 2003<sup>5</sup> apud PHYTIAN, 2009, p. 68).

O **recorte temporal** do trabalho inicia em 1927, ano em que a aliança entre o Guomintang (GMD) e o PCCh, contra as potências estrangeiras em território chinês, encerra-se, após o expurgo e assassinato de comunistas em Xangai (MARTINS; VISENTINI, 2013, p.101). Segundo Guo (2012, p. 5), o PCCh não acreditava que fosse necessária a criação de um aparato de inteligência e segurança até os ataques de 1927. Assim surge o *Teke*, ou Divisão de Serviços Especiais do Comitê Central (DSECC).

Tendo em mente que, segundo Cepik e Ambros (2014, p. 524) e Zegart (1999, p. 8), a evolução dos sistemas nacionais de inteligência não segue uma lógica linear ou predisposta, é compreensível que até a vitória comunista em 1949, o sistema de inteligência do PCCh passou por diversas reorganizações e renomeações. Desse modo, a estabilização institucional ocorre em 1983, a partir das reformas iniciadas por Deng Xiaoping. Nesse ano, cria-se o Ministério de Segurança de Estado (MSE, ou em inglês, *MSS*) e a partir da década de 1980 há uma institucionalização da atividade de inteligência governamental na RPC. Do mesmo modo, o Exército de Libertação Popular (ELP)<sup>6</sup> inicia um processo de modernização que afeta também a coleta de inteligência realizada pelo Segundo (ELP2) e Terceiro (ELP3) Departamentos do Estado-Maior do Exército.

**Justifica-se** esse trabalho com a ideia de que a ascensão chinesa tem implicações importantes na esfera internacional, não apenas para os EUA, mas também para o Brasil, dado

---

<sup>4</sup> O controle democrático diz respeito a criar responsabilidade profissional pelos atos das agências, de que respondam aos políticos democraticamente eleitos. Em democracias mais recentes, isso se traduz principalmente na relação civil-militar.

<sup>5</sup> Loch K. Johnson, ‘Bricks and Mortar for a Theory of Intelligence’, *Comparative Strategy*, Vol. 22, 2003, pp. 1–28.

<sup>6</sup> A sigla mais usual utilizada é PLA (*People’s Liberation Army*).

nossa relação comercial e parceria dentro dos BRICS. O estudo da inteligência e a formulação de um arcabouço teórico foca, como boa parte da literatura de Relações Internacionais, no eixo Estados Unidos-Europa (PHYTIAN, 2009) e, conseqüentemente, os estudos do sistema de inteligência chinês são bastante escassos e por isso se faz necessário esse trabalho. Isso se dá por diversos motivos, no caso da China podendo ser argumentado que o país não parecia oferecer uma ameaça aos Estados Unidos durante a Guerra Fria e por isso não houveram esforços de estudar o seu sistema de inteligência (EFTIMIADES, 1992, p. 1). Segundo Aldrich e Kasuku (2012), ainda se associa muito de inteligência ao campo militar. Dada a predominância atual dos EUA sobre esse tipo de sistema, há uma maior quantidade de material sobre essa comunidade de inteligência. Mattis corrobora esse pensamento (2011, p. 1-2, tradução nossa), afirmando que

Quando realizando análises do processo de política externa da RPC ou de estabilidade interna, estudiosos raramente mencionam os serviços de inteligência e, quando mencionam, normalmente adotam noções não testadas sobre as suas influências e capacidades. Mantendo tais pressupostos, acadêmicos e outros observadores de conduzem análises e fornecem comentários que são superficiais e muitas vezes enganosos.<sup>7</sup>

A ascensão da China e o seu processo de modernização militar criaram correntes no estudo da segurança internacional, principalmente no Ocidente, que acreditam no revisionismo agressivo do país. Essa linha de pensamento acredita que há uma ambição da China em tomar o lugar dos EUA como superpotência, através do conflito militar<sup>8</sup>. Desse modo, existe um certo alarmismo na literatura ocidental no que concerne à RPC. A falta de transparência do regime comunista cria uma aura de suspeita sobre o funcionamento das instituições e as suas relações, bem como as alterações que elas sofrem nas mudanças de liderança e períodos de transição.

Uma ressalva deve ser feita quanto às fontes de pesquisa, pois além da barreira do idioma, destacada por diversos autores, há igualmente uma escassa quantidade de material publicado por fontes confiáveis ou com revisão pelos pares (BRAZIL, 2012; MATTIS, 2012a e 2012b; GUO, 2012), como a própria produção em inglês de qualidade é baixa. Foram

---

<sup>7</sup> No original: *Whether assessing the PRC's foreign policy process or internal stability, scholars rarely mention the intelligence services and, when they do, often adopt untested notions about their influence or capabilities. Holding such presumptions, scholars and other observers conduct analysis and provide commentary that is shallow and often misleading.*

<sup>8</sup> É importante aqui ressaltar que o governo chinês enfatiza a utilização de expressões que remetem à cooperação e crescimento mútuo, falando da sua “ascensão pacífica”. Esse termo denominava a política chinesa durante o governo de Hu Jintao. O Livro Branco de 2005 trata do tema falando do termo “desenvolvimento pacífico”. O documento completo pode ser encontrado no site autorizado do governo: <http://www.china.org.cn/english/2005/Dec/152669.htm>



consultadas fontes oficiais quando disponíveis, como no caso dos Livros Brancos e documentos oficiais do governo, mas não no mandarim. Por fim, o que há de material mais denso vem de autores não chineses, principalmente ex-funcionários de serviços de inteligência da Europa ou EUA, ou jornalistas (Roger Faligot, Peter Mattis, Nicholas Eftimiades) ou de expatriados como Xuezhong Guo e não é sem um viés parcial – como qualquer obra – e isso se reflete no produto final. Mesmo assim, não são trabalhos sem relevância, pois possuem uma congregação de informações e entrevistas com funcionários do PCCh, em inglês.

O regime comunista chinês tem realizado esforços para aumentar a transparência em certas áreas de defesa e segurança, como a publicação de Livros Brancos bianualmente desde 1998 (PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, 2015). À medida que a China amplia seu papel como grande potência e assume maiores responsabilidades no Sistema Internacional, o seu serviço de inteligência tem sofrido uma mudança de foco: das ameaças domésticas e estabilidade interna para o de ameaças externas (MATTIS, 2012b).

Para verificar a hipótese, dividiu-se o trabalho em **dois capítulos**. O primeiro capítulo tratará do contexto histórico da China entre meados da guerra civil, com a criação do sistema de inteligência do PCCh em 1927. Além disso, será discutido a consolidação do poder do Partido nos anos da Revolução Comunista e décadas posteriores. Busca-se compreender como isso afetou e alterou o sistema de inteligência governamental e militar. A morte de Mao Zedong (1976) inicia um processo de acirrada disputa política (KISSINGER, 2011, p. 321-322; SPENCE, 1990, p. 653). Sob Deng Xiaoping e com a abertura, tem-se o ambiente para a criação do novo Ministério de Segurança do Estado (MSE).

Assim, o segundo capítulo inicia em 1983, fazendo uma breve revisão bibliográfica para apresentar o panorama geral da China desde a sua abertura na década de 1980 até 2015. Como se sabe nos últimos 30 anos e, a China saiu da periferia para tornar-se uma potência global em ascensão (SHAMBAUGH, 2013, p. 4). Essa nova inserção exige conhecimento e modernização das Forças Armadas. Outro ponto de destaque – e quase obsessão estadunidense – tem sido a evolução das capacidades de ciber espionagem da China.

Por fim, nas conclusões aponta-se que o controle do aparato de inteligência da RPC está interligado ao controle do Partido Comunista Chinês. No início da sua história, os líderes que ascenderam ao poder conseguiram manter-se no topo com o auxílio desse aparato. À medida que a China altera a sua participação no sistema internacional de isolamento para uma liderança global, com as reformas nos anos 1970 e 1980, o aparato de inteligência e suas demais instituições precisam dinamizar suas atividades e não é mais possível enxergar com clareza o controle de indivíduos. Alguns indicativos podem significar novas reformas, especialmente

desde a entrada de Xi Jinping no governo. Se o sistema de inteligência chinês for algum indicativo disso, a China que almeja uma posição global precisa de instituições mais eficientes e sólidas.

## 2 A REVOLUÇÃO CHINESA E A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA: A EMERGÊNCIA DO SISTEMA DE INTELIGÊNCIA (1927-1982)

O início do século XX foi um período conturbado para a China (e para o mundo). O fim do império chinês (1912), problemas no tesouro do país – que encontrava dificuldade em acompanhar o ritmo acelerado da Revolução Industrial –, desastres naturais e pressão intensa de potências estrangeiras na China<sup>9</sup> (SPENCE, 1990, p. 275). Em 1917, com a Revolução Bolchevique na Rússia, surgiu o impulso para a criação de um Partido Comunista Chinês, em 1921, após um período conturbado de instabilidade política.

### 2.1 A guerra civil e o sistema de inteligência do Partido Comunista Chinês

Em 1920, a China estava sob controle dos “senhores da guerra” nas áreas rurais e por potências estrangeiras no seu litoral. Esse foi o principal motivo da criação de uma Frente entre *Guomindang* e PCCh durante essa década. Já aqui surgiu um esqueleto e o aprendizado do que viria a ser, após 1949, o aparato de inteligência e de segurança da República Popular da China. Segundo Cheung (2012, p. 62), em 1921 foi idealizada uma divisão para assuntos militares no PCCh, algo que seria um antecessor da Comissão Militar Central (CMC). Na composição atual da RPC, existe a CMC do Partido Comunista Chinês e a CMC da República Popular da China, embora sejam compostas pelas mesmas pessoas, que funciona como o principal órgão de comando e controle da Forças Armadas da China (PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, 2015; KERN, 2014, p. 65).

O órgão pré-CMC se concretizou apenas em 1924, ficando sob o controle de Zhou Enlai. Havia relutância em usar a força e a luta armada contra os nacionalistas até o momento. A ideia das lideranças do PCCh era manter a mobilização dos trabalhadores e camponeses, levando a revolução para as áreas rurais, buscando assim enfraquecer os senhores da guerra, sem um braço militar (CHEUNG, 2012; GUO, 2012, p. 302). Segundo Cheung (2012, p. 62), a CMC foi criada em 1926, mas seria apenas em 1930 que ganharia funções mais definidas. Contudo, permaneceria como uma organização secreta para pessoas de fora do PCCh e para alguns membros do próprio partido, tendo surgido de uma disputa interna, cuja facção a favor era liderada por Chen Duxiu (ZHENG, 1945<sup>10</sup> apud GUO, 2012, p. 304). Essa CMC ainda não possuía o comando das Forças Armadas que tem hoje. Conforme Guo:

<sup>9</sup> A saber: Reino Unido, Japão, Rússia, Estados Unidos, França e Alemanha (SPENCE, 1990, p. 282).

<sup>10</sup> Zheng Chaolin, *Zheng Chaolin huiyilu – 1919–1931* [Memoirs of Zheng Chaolin, 1919–1931], pp. 112–13.

Em comparação com o GMD, o PCCh era incapaz de competir em termos de força militar; o pouco sucesso do PCCh em conduzir a guerra contra os seus inimigos era amplamente um resultado da falta de equipamento de comunicação telegráfica e de inteligência.<sup>11</sup> (GUO, 2012, p. 303, tradução nossa)

Ainda assim, após a criação do departamento militar do PCCh, foram enviados três homens – Gu Shunzhang, Lu Liu e Chen Geng – para a URSS, a fim de adquirir conhecimento sobre o serviço secreto soviético (GUO, 2012, p. 303-304). De 1923 até 1927, destacou-se a presença de Mikhail Borodin<sup>12</sup> e uma delegação do Comintern à serviço da URSS. Borodin era um agente do *Comintern* trabalhando com Sun Yat-Sen e o GMD, que auxiliou na criação da famosa Academia Militar de Whampoa – responsável pelo treinamento de Mao Zedong, Zhou Enlai, Chiang Kai-shek e diversas outras lideranças importantes tanto do GMD quanto do PCCh (DEACON, 1974, p. 217-220; SPENCE, 1999, p. 337-357).

Em maio de 1927 fora criado o embrião de um sistema de inteligência, o *Tewu gongzuo chu*, que pode ter o nome traduzido como Serviço de Trabalho das Operações Especiais<sup>13</sup> (BRAZIL, 2015; FALIGOT, 2010, p. 45). O papel desse escritório era proteger as lideranças do Partido sob ameaça dos nacionalistas. O Serviço, colocado inicialmente sob controle da CMC e devido à sua importância, logo passa a responder ao Comitê Central (BRAZIL, 2012, p. 33). Quando o PCCh se torna clandestino, Zhou Enlai defende que uma organização responsável pela coleta de inteligência e realização de operações secretas era essencial para a sua sobrevivência (LI, 2008<sup>14</sup> apud MATTIS, 2015, p. 544). O Serviço acaba extinto em agosto de 1927, quando o PCCh retomou posições em Xangai. Apesar disso, a experiência institucional foi útil, visto que auxiliou na solução de uma tentativa de assassinato de membros da delegação da URSS que estava na China, inclusive Borodin (GUO, 2012, p. 306).

---

<sup>11</sup> No original: *Compared with the GMD, the CCP was unable to compete in terms of military strength; the CCP's little success in conducting warfare against its enemies largely resulted from the lack of telegraphic communication equipment and intelligence.*

<sup>12</sup> Para saber mais sobre Borodin e a sua atuação na China, recomenda-se o livro de Dan Jacobs, intitulado *Borodin: Stalin's Man in China*, de 1981, publicado pela Cambridge University Press.

<sup>13</sup> O problema de utilizar a escrita *pinyin* (o sistema do governo chinês para a escrita dos ideogramas no alfabeto latino) sem os correspondentes acentos indicativos de tom ou sem os ideogramas em si é que não se pode ter grande certeza sobre as palavras. Guo (2012, p. 302) utiliza a tradução em inglês como “Work Section of Special Affairs”. Uma busca no Google pelo termo *tewu gongzuo chu* indica que outras traduções para o inglês foram “Special Operations Work Section” e “Special Operations Work Division”. Utilizou-se, por fim, a versão do livro de Faligot, que foi publicado em português.

<sup>14</sup> Li Li, *Huainian jiafu Li Kenong: cong mimi zhanxian zouchu de kaiguo shangjiang* [Remembering Our Father Li Kenong: From the Secret Front to General of the New Country] (Beijing: Renmin Chubanshe, 2008), pp. 3–7.

Simultaneamente, a disputa contra os senhores da guerra e as forças japonesas se concentrava em Xangai – que incorporou trabalhadores aos sindicatos, enquanto os empresários da cidade buscaram alianças com os nacionalistas. Naquele momento, sofrendo com disputas internas na URSS, Stalin apoiava o fortalecimento do movimento trabalhista e do PCCh contra o imperialismo em Xangai. Conseguindo controle da cidade em agosto, Chiang Kai-shek dividiu ideologicamente o GMD após atacar organizações comunistas, capturar e matar diversos dos seus membros (SPENCE, 1999, p. 350-356).

Esse movimento de Chiang Kai-shek em abril de 1927 foi um marco para o sistema de inteligência do PCCh por dois motivos: (1) Stalin (e logo o aparato de inteligência soviético) rompem totalmente com o *Guomintang* e Moscou se torna o maior espaço para treinamento de lideranças do PCCh; e (2) o ataque surpresa obriga o PCCh a repensar a existência de um aparato de inteligência e segurança para proteger os ideais da revolução (BRAZIL, 2012; FALIGOT, 2010; GUO, 2012, p. 304; MATTIS, 2015, p. 544), como será explicado na seção seguinte. O Exército Vermelho é criado em 1 de agosto de 1927, também em resposta ao ataque e à época era o braço armado do PCCh, sob comando da Comissão Militar Central (BLASKO, 2006, p. 2).

### 2.1.1 O *Teke*

Apenas em novembro de 1927, encabeçado pelo *Teke*<sup>15</sup> ou **Divisão de Serviços Especiais do Comitê Central** (DSECC), que o sistema de inteligência do PCCh ganha uma forma mais firme, a partir da ideia de Zhou Enlai (BRAZIL, 2012; GUO, 2012, p. 306). Quanto à divisão organizacional, conforme Guo (2012, p. 306-307, tradução nossa), se dava na seguinte forma:

Assuntos Gerais (*zongwu*) era responsável pela proteção e segurança das lideranças do partido, Operações (*xingdong*) era responsável pela execução de inimigos e de desertores que fossem ameaças securitárias, e Comunicações Internas (*jiaotong*), que era responsável pelo estabelecimento e operação da rede de telecomunicações.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> Abreviação de Zhongyang tebie rewu ke. Faligot (2010, p. 45) traduz como “Seção Especial do Comitê Central”. Brazil (2012) utiliza no inglês “Central Committee Special Operations Branch”, que foi de onde nos baseamos para a tradução do nome.

<sup>16</sup> No original: *General Affairs (zongwu) was responsible for the protection and safety of party leadership, Operations (xingdong) was responsible for the execution of enemies and communist defectors who were threats to security, and Internal Communications (jiaotong) was responsible for the establishment and operation of the telecommunication network.*

Segundo Faligot (2010, p. 45), haveria ainda uma quarta seção, responsável pelo serviço de inteligência e contraespionagem. Em 31 de dezembro de 1927, o PCCh autorizou a ordem de operações de inteligência contra os nacionalistas, bem como para agentes comunistas se infiltrarem no GMD (MU, 2002<sup>17</sup> apud MATTIS, 2015, p. 547). Segundo Guo (2012, p. 309), também era um dos objetivos principais que os comunistas conseguissem se infiltrar no Departamento Organizacional Central do GMD, controlado pela facção de extrema-direita do partido.

Após esse episódio, em dezembro, Zhou Enlai partiu para o soviete de Jiangxi, saindo de Xangai, e Kang Sheng assumiu um papel de liderança no *Teke*. Tendo sido treinado pela política secreta da URSS, Kang Sheng transformou o sistema de inteligência do PCCh, deixando-o mais eficiente e ampliou o seu recrutamento, tornando-se uma figura bastante importante no Partido (GUO, 2012, p. 312; SPENCE, 1999, p. 599). Ainda segundo Guo (2012, tradução nossa): “Recebendo comandos diretamente do topo da liderança do PCCh, o *Teke* operava como uma agência independente e não estabelecia relações de trabalho com nenhuma outra organização do Partido”<sup>18</sup>. Simultaneamente, no soviete de Jiangxi, o aparato de inteligência do PCCh se desenvolveu de maneira vinculada ao Departamento de Segurança Política, sob o controle do Agência Central do PCCh em Jiangxi e com o nome de Departamento de Segurança Política do Estado (DSPE)<sup>19</sup>. Segundo Yimeng, o DSPE era extremamente independente nas suas ações e não respondia ao PCCh e nem ao exército. O departamento investigava contrarrevolucionários e tinha um modelo institucional copiado do aparato de inteligência da URSS (GUO, 2012, p. 316-317).

Enquanto o partido abandonava os centros urbanos, o *Teke* representou o início da *inteligência de sinais (SIGINT)*<sup>20</sup> do PCCh, que viria a ser utilizada principalmente na proteção dos sovietes de Jingxi e Fujian<sup>21</sup> (CHAMBERS, 2014, p. 207). A cada ano, o PCCh tinha novas deserções. Logo, o papel do *Teke* se expandiu, com células operacionais pela China continental e Hong Kong (FALIGOT, 2010, p. 45). Em 1928, o *Teke* foi colocado sob controle do Comissão Especial de Trabalho do Comitê Central, que era controlada por Xiang Zhongfa, Zhou Enlai e

<sup>17</sup> Mu Xin, Yinbi zhanxian tongshuai: Zhou Enlai [Captain of the Covert Front: Zhou Enlai] (Beijing: Zhongguo qingnian chubanshe, 2002), p. 79.

<sup>18</sup> No original: *Receiving commands directly from CCP top leadership, the Teke operated as an independent party agency and did not establish working relationship with other party organizations.*

<sup>19</sup> No inglês: *State Political Security Bureau (SPSB).*

<sup>20</sup> Entende-se SIGINT como a interceptação e análise de comunicações, atualmente sendo realizada principalmente em telefones ou e-mails (JOHNSON, 2007, p. 5).

<sup>21</sup> Os sovietes de Jiangxi e Fujian, que estavam localizados nas províncias de mesmo nome, foram estabelecidos em 1931 e duraram até 1934, após destruição pelo exército de Chiang Kai-shek. Mao Zedong tinha status de governante no soviete de Jiangxi (KARL, 2010; SPENCE, 1999).

Gu Shunzhang. Essa Comissão Especial controlava questões de inteligência e serviços secretos do PCCh, com Zhou Enlai tendo o controle executivo efetivo, com Gu nas atividades administrativas e Xiang, como figura de poder de dentro do Politburo (GUO, 2012, p. 306).

Até 1931, o *Teke* foi capaz de se infiltrar dentro do GMD, principalmente sob a célula de espiões (GUO, 2012, p. 308; MATTIS, 2015, p. 544). A criação de uma operação para infiltrar agentes no GMD não era uma ideia unânime no PCCh e os custos financeiros eram altos. Ainda assim, no início das suas atividades, o uso de inteligência de fontes humanas (do inglês, *HUMINT*), de modo a recrutar nacionalistas a se tornarem agentes duplos, era o principal método comunista. Todavia, a tentativa de colocar agentes na alta liderança do GMD não foi bem-sucedida (CHAMBERS, 2014, p. 207-208; GUO, 2012, p. 307).

Ainda segundo Chambers (2014), era clara a necessidade de comunicações por rádio seguras entre os soviéticos nas províncias do interior e a liderança em Xangai, de modo a cobrir grandes distâncias rapidamente, sem perda de conteúdo. Infelizmente, o PCCh não possuía essa tecnologia. Seria apenas com o auxílio da URSS, após o 6º Congresso Nacional do Partido, realizado em junho de 1928, em Moscou, que os soviéticos ofereceriam a transferência dessa tecnologia para os chineses. O treinamento de equipes técnicas foi feito tanto na URSS quanto na China – mas não incluía técnicas de descifragem. Destaca-se aqui o papel de Li Keniang<sup>22</sup>, que junto a Qian Zhuangfei e Hu Dei nos órgãos de comunicação de Xangai, tiveram participação direta na aquisição de códigos, frequências e, principalmente, informações sobre alvos de assassinatos e sabotagem (CHAMBERS, 2014; MATTIS, 2015, p. 547).

Em abril de 1931, Gu Shunzhang, um dos líderes do *Teke* foi capturado pelo GMD e convencido a abandonar o PCCh – apesar da eficiência dos agentes infiltrados de atrasar a informação a tempo de avisar o PCCH. Esse acontecimento foi um choque para os serviços de inteligência da época, dado seu conhecimento do aparato, resultando na sua paralisação temporária. Uma reorganização seguiu, mas a lição que ficou foi a da importância de compartimentalizar e manter contatos emergenciais, bem como a utilização de álibis (GUO, 2012, p. 312; MATTIS, 2015, p. 547-548).

Em meados de 1932, o GMD tornou-se ciente da interceptação dos seus códigos e elaborou métodos mais complexos (CHAMBERS, 2014, p. 215). Nos anos seguintes, o papel da *SIGINT* será essencial para evitar as campanhas de cercamento do GMD ao PCCh e ao

---

<sup>22</sup> Uma observação importante a ser feita é que Chambers (2014) utiliza o nome Li Qiang para se referir a Li Keniang. Não se pode verificar a escrita em ideogramas chineses como Li Qiang no texto de Chambers. Todavia, cruzando as datas e o local de trabalho, bem como as informações passadas, é bastante improvável que sejam pessoas diferentes. O mesmo pode ser dito de Qian Zhuangfei, que no texto de Chambers acreditamos que aparece como Zhang Shenchuan.

Exército Vermelho. Inclusive, existem relatos de que um telegrama dos nacionalistas, informando do ataque às lideranças do PCCh em Xangai teria sido essencial para a fuga dos mesmos da cidade (YE, 1987<sup>23</sup> apud CHAMBERS, 2014). Anos depois, Mao teria dito que a *SIGINT* “foi a lanterna que guiou o Exército Vermelho pela noite escura” (ZHONG, 2006<sup>24</sup> apud CHAMBERS, 2014, p. 205; WU, 2011<sup>25</sup> apud MATTIS, 2015, p. 547).

Em 1934, iniciou a Longa Marcha<sup>26</sup>, forçada pelo cercamento militar do GMD, bem como um bloqueio econômico e a captura do equipamento de *SIGINT* do PCCh em Xangai, o que impedia a comunicação com a URSS (SPENCE, 1999, p. 403). Ainda segundo Spence (1999), seria um plano de Zhou Enlai que dando início à Longa Marcha espalharia o comunismo pela China, alcançando Shaanxi em outubro de 1935, depois de quase dez mil km. Alguns erros de inteligência e militares foram o que quase aniquilou o PCCh durante o período de 1931-1934 (BRAZIL, 2012, p. 12).

Com a invasão da Manchúria em 1931, pelos japoneses e o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa, alguns membros do GMD decidiram investir numa Segunda Frente Única Revolucionária com os comunistas. Na conferência de 1935, Mao Zedong firma o controle do aparato de segurança e inteligência do PCCh, na conferência do partido em Zunyi (CHAMBERS, 2014; GUO, 2012, p. 319). Segundo Guo (2012, p. 319), Mao encerrou o DSPE, de modo a reduzir a influência de Zhou Enlai, enviando diversos dos seus aliados para bases rurais. Em início de 1936, o PCCh e o GMD negociaram os termos dessa nova Frente Única<sup>27</sup>. Segundo Mattis (2015), o fato de Li Kenong ser o enviado do PCCh para negociar com o GMD teria sido uma maneira de manipular os nacionalistas.

É importante considerar como o aparato de segurança e inteligência já era uma variável dependente das disputas internas do PCCh. Guo (2012, p. 321-327) descreve como Mao e Zhou Enlai já disputavam a liderança ideológica do movimento e Zhou defendia a independência do aparato do PCCh de inteligência e segurança do aparato do GMD. Assim, “durante os debates

<sup>23</sup> Ye Bingnan, “Qian Zhuangfei,” *Zhong Gong Dangshi Renwu Zhuan* [Biographies of personalities in CCP History, hereafter ZGDRZ] 34 (1987): 123–4.

<sup>24</sup> Zhong Yaoyun, “Junwei Er Ju Chang Zheng lushang de ‘denglong’” [The Military Commission 2nd Bureau: ‘Lantern’ on the Long March], *Tong Zhou Gong Jin* 11 (2006), <http://www.xzbu.com/1/view-272788.htm> (accessed July 28, 2012).

<sup>25</sup> Wu Xing, “Junwei erju he yi bei yu wei changzheng zhong de ‘zou yelu de denglong’ [How the Central Military Committee’s Second Department Became the ‘Lantern that Lights the Way’ during the Long March],” *Beijing Daily*, 4 July 2011.

<sup>26</sup> A Longa Marcha foi um processo bastante complexo e longo, mas recomendamos o livro de Sun Shuyun, intitulado “A Longa Marcha – A história do mito fundador da China comunista”, publicado em 2007 pela Arquipélago Editorial.

<sup>27</sup> Chiang Kai-shek era contra a união com os comunistas e a busca por uma Frente Única foi um dos motivos de aumento das tensões entre os nacionalistas.



ideológicos internos do PCCh, no período da Segunda Frente Unida, Zhou teve um papel de liderança, aliado a Wang Ming<sup>28</sup> e apoiado pelo *Comintern*, em desafiar as políticas de Mao na Frente Unida”<sup>29</sup> (GUO, 2012, p. 321, tradução nossa). Durante o final da década de 30, diversos dos oficiais chineses eram enviados para a União Soviética para treinamento e Zhou Enlai era visto com muitos bons olhos por Moscou (GUO, 2012).

### 2.1.2 A reorganização da inteligência

Em 1938, Kang Sheng retornou de Moscou e junto a Li Kenong iniciaram a criação de um novo aparato de inteligência (CHAMBERS, 2014; STRATFOR, 2010). Assim, seria não apenas estabelecido um modelo de treinamento nos moldes soviéticos, mas também uma espécie de manual do sistema de inteligência, que viria a ser publicado somente em 1950 e feito com base no trabalho de Li Kenong (MATTIS, 2015). Por esse seu esforço, Kang Sheng é considerado “o pai da inteligência” da RPC e pode ter sido colocado na posição de controle do sistema de inteligência a mando de Mao<sup>30</sup>, para diminuir a influência de Zhou Enlai, que estava ligado à facção de Wang Ming (GUO, 2012, p. 326-327; STRATFOR, 2010). Segundo Mattis (2015, p. 550-551), a criação desse manual mencionado seria a prova de que as origens da inteligência na China não se distanciam tanto das da URSS e de países ocidentais.

Conforme mencionado e destacado por Mattis (2015), isso invalida a ideia de que a China coleta inteligência no modelo “grãos de areia”, pois haveria desde o início a institucionalização<sup>31</sup> da atividade dentro do PCCh e da RPC, considerada uma tarefa para profissionais treinados (seja com manuais ou na URSS), o que é um ponto de vista bastante lógico. A ideia de que todo estudante, turista ou profissional chinês é um espião em potencial parece não apenas ser paranoica, mas também impraticável, considerando que a população chinesa é a maior do mundo e o país é uma grande força da economia internacional.

<sup>28</sup> Wang Ming estava vinculado ao marxismo-leninismo defendido pela URSS e era o “homem de Stalin” (FALIGOT, 2010, p. 75), enquanto Mao queria afastar-se do controle soviético para implementar o comunismo chinês.

<sup>29</sup> No original: *During the CCP's [Chinese Communist Party] internal ideological debates during the period of the second united front, Zhou played a leading role, allied with Wang Ming and backed by the Comintern, in challenging Mao's policy toward the united front.*

<sup>30</sup> Guo (2012, p. 327-328) afirma que existem pesquisadores que não acreditam que Mao teria se aliado à Kang Sheng. Todavia, Guo apresenta três motivos consistentes para que elas tenham tido uma aliança estratégica: a proximidade de Kang do *Comintern* e o apoio dele à candidatura de Mao, Kang fora importante aliado de Wang Ming (e logo, se ele se aliasse ao Mao dividiria os aliados Wang), e, Kang era uma das únicas lideranças com treinamento em inteligência. Mais tarde, Kang arranjaria o casamento de Mao com Jiang Qing.

<sup>31</sup> Segundo Huntington (1968, p. 12), “Institucionalização é o processo pelo qual organizações e procedimentos adquirem valor e estabilidade”. Ainda, essa institucionalização estaria ligada à “adaptabilidade, complexidade, autonomia e coerência das organizações e procedimentos”

Segundo Inkster (2013, p. 46) e Brazil (2012), o aparato de inteligência existente no PCCh antes da consolidação da República Popular da China conseguiu ser vitoriosa em certos momentos. Tais momentos ocorreram durante as guerras contra os japoneses e contra os nacionalistas. Além disso, em 1941, o PCCh teria adquirido inteligência confiável sobre a invasão alemã da União Soviética e a expansão japonesa. Todavia, “[...] a maioria esmagadora dessa inteligência era gerada internamente na China e a capacidade chinesa de coletar inteligência relevante no exterior era limitada.”<sup>32</sup> (INKSTER, 2013, p. 46, tradução nossa).

Em 1938, após a 6ª plenária do Comitê Central, houve uma reorganização do aparato de segurança e inteligência existentes, uma iniciativa de Mao. Em outubro de 1939, a partir de ideias propostas na 6ª plenária, o DPSE foi oficialmente extinto e no seu lugar surgiu o Departamento de Assuntos Sociais (DAS)<sup>33</sup>. O DAS tornou-se então a principal ferramenta de inteligência do PCCh, também criando uma ponte com o serviço soviético de inteligência da URSS presente na China. Dentre as funções do DAS estavam: evitar que espiões inimigos se infiltrassem no partido, infiltrar agentes, coletar inteligência, gerenciar os agentes secretos, bem como recrutamento e treinamento (GUO, 2012, p. 329-330). Segundo Faligot (2010, p. 69), o DAS possuía uma estrutura organizacional bastante parecida com a soviética<sup>34</sup>.

Em julho de 1941, foi criado o Departamento de Inteligência do Comitê Central (DI), com foco tanto na campanha intensa contra o GMD quanto contra os japoneses, com Li Kenong como vice-diretor e com muitas funções se sobrepondo às do DAS. Eventualmente as duas se tornaram a mesma instituição, com coleta de informação em materiais secretos e publicados, que seriam catalogados e analisados pelo DAS/DI (GUO, 2012, p. 335 e 338). Criou-se a Comissão de Investigação e Pesquisa (CIR), controlando tanto o DAS quanto o DI. A figura 1 mostra o resultado da reorganização no aparato de inteligência do PCCh.

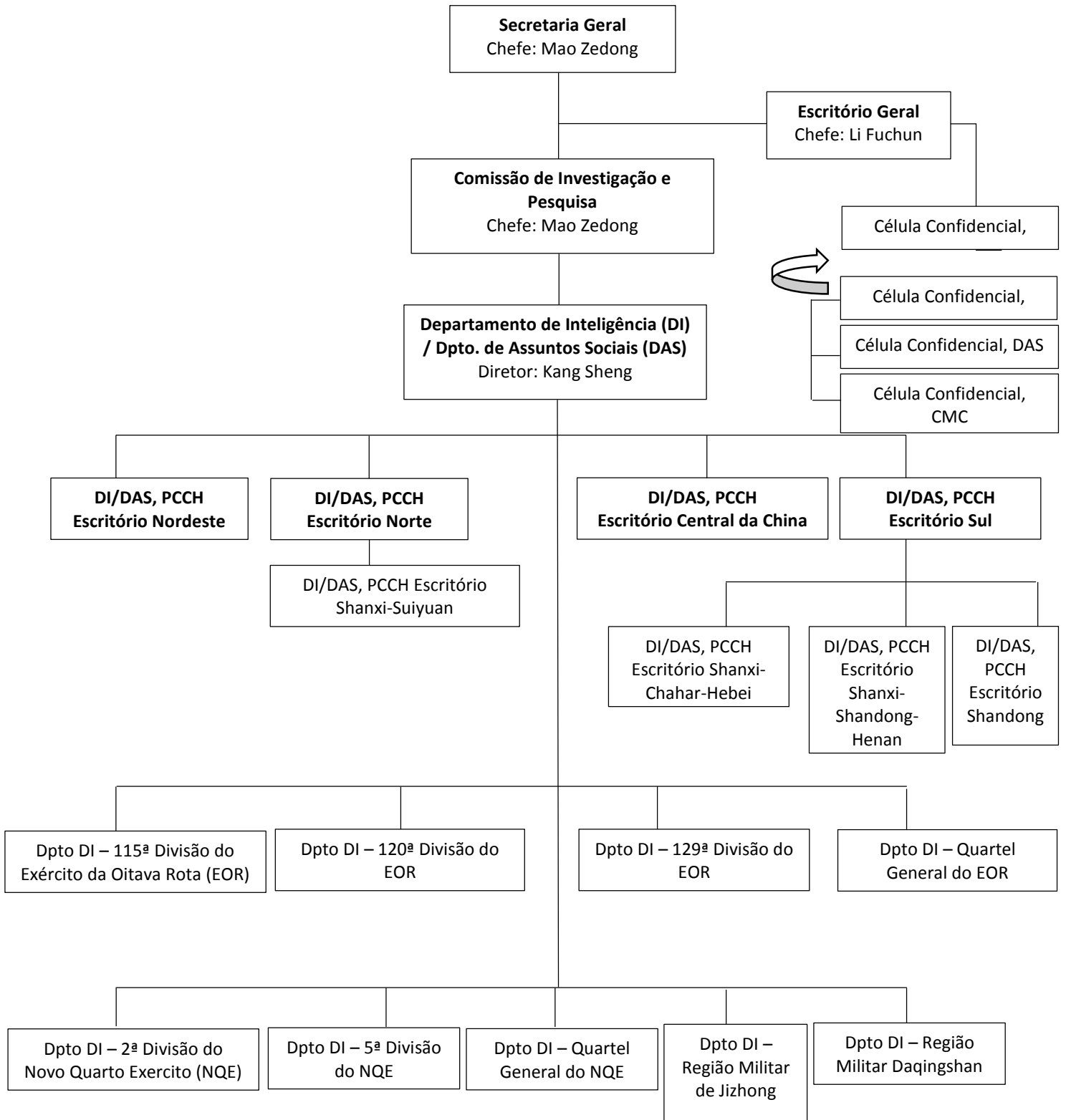
---

32 No original: *But the overwhelming majority of such intelligence was generated from within China, and Chinese capacity to collect useful intelligence overseas was limited.*

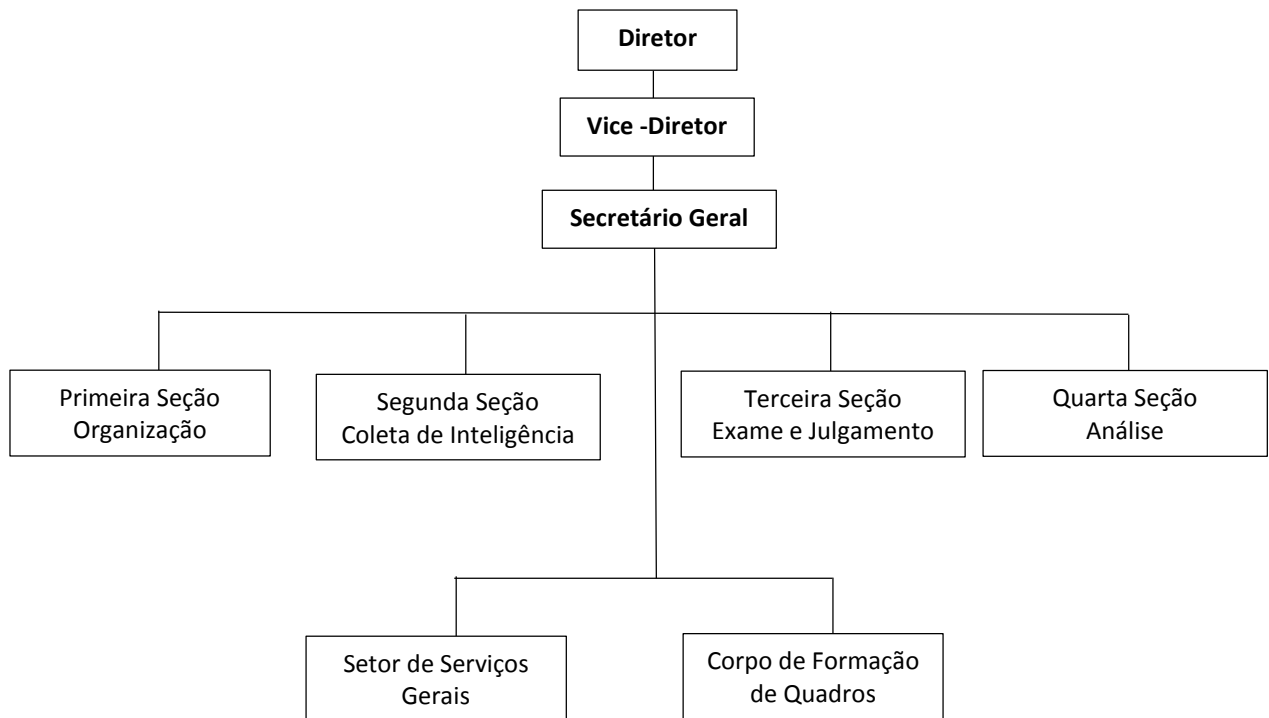
33 No inglês, *Social Affairs Department (SAD)*.

34 A saber: Seção 1 – Administração e Pessoal; Seção 2 – Informação; Seção 3 – Contraespionagem; Seção 4 – Análise da Informação; e uma Seção de Assuntos Gerais.

**Figura 1 - O aparato de inteligência do PCCh em setembro de 1942**



Fonte: adaptada de GUO, 2012, p. 336.

**Figura 2 – Organização do DAS em 1942**

Fonte: adaptada de Richelson, 1988, p. 275.

O DAS também era utilizado como ferramenta de disputa das lideranças. Mao retira Zhou Enlai do controle do aparato de segurança e inteligência do PCCh, colocando Kang Sheng no seu lugar. Durante o ano de 1943, Kang Sheng foi extremamente importante na campanha de retificação de Yan'an<sup>35</sup>, uma massiva investigação interna para expurgo de infiltrados e dissidentes, bem como mobilização intensa da população. Kang Sheng teria aproveitado a grande concentração de poder que possuía para reduzir a influência de Zhou Enlai, que a partir de 1944 seria um dos principais críticos da atuação do outro. Outro motivo da campanha de retificação teriam sido as diferentes abordagens em relação às visões de contra inteligência na guerra e de coleta (CHAMBERS, 2012, p. 33-34; FALIGOT, 2010; GUO, 2012, p. 331; SPENCE, 1990)

Ao final da campanha de Yan'an (1945), Mao tornou-se Presidente do Politburo, vencendo Wang Ming. Mao consegue estabelecer ferramentas de controle do poder de Kang Sheng. Segundo Guo (2012, p. 332), essas seriam:

<sup>35</sup> Segundo SPENCE (1990, p. 462), no início da Segunda Guerra Sino-Japonesa, Yan'an havia se tornado um dos “faróis de esperança” do comunismo dentro do país.

- a) o DAS não teria uma cadeia de comando vertical, pois as divisões administrativas menores (locais) seriam comandadas pelas lideranças do PCCh locais e também pelo DAS;
- b) Li Kenong – que pertencia à facção de Zhou Enlai – seria colocado como vice-diretor, em controle especificamente dos serviços de inteligência;
- c) reorganização da célula que cuidava dos documentos sigilosos do Comitê Central tirando-a de controle do DAS e colocando-a sob controle do Secretariado Central, presidido pelo próprio Mao; e por fim,
- d) não permitir o acesso de Kang Sheng com o setor de comunicação com o *Comintern*<sup>36</sup>, delegando o órgão responsável sob o seu comando.

Mais tarde, Li Kenong se tornaria diretor do DAS/DI, vinculado mais à facção de Mao do que à de Zhou Enlai (GUO, 2012, p. 334 e 337).

Durante o período de 1927 até 1949, o PCCh alterou os nomes dos seus órgãos responsáveis pela inteligência e segurança pelo menos quatro vezes: o breve *Tewu*, o *Teke* (ou DSECC), o DSPE e o DAS<sup>37</sup> (BRAZIL, 2012). É possível enxergar um importante caráter de sobrevivência nesse primeiro período descrito, desde a criação em 1927 até a importância da *SIGINT* na Longa Marcha, para garantir a continuidade do partido.

**Figura 3 – Evolução dos órgãos de inteligência entre 1927 e 1949**



Fonte: Elaboração própria (2015).

Após a Longa Marcha, conforme Mattis (2015) e Guo (2012): as atividades de contraespionagem feitas pelo PCCh durante a guerra civil eram profundamente vinculadas às disputas políticas entre as lideranças. Eventualmente, os excessos realizados sob o comando de Kang Sheng em Yan'an foram o principal motivo da sua perda de poder, segundo literatura recente publicada na China (BRAZIL, 2012, p. 28; GUO, 2012, p. 333). Guo também conclui (2012, p. 339) que o GMD fracassou em constituir um aparato de inteligência bem-sucedido<sup>38</sup>

<sup>36</sup> É importante ressaltar que devido ao esforço da Segunda Guerra Mundial, em que a URSS estava amplamente envolvida, o apoio e envio de recursos para os comunistas ficou amplamente prejudicado (MARTINS; VISENTINI, 2013; SPENCE, 1990, p. 468).

<sup>37</sup> Conforme o próprio Brazil coloca, a contagem também pode ser de cinco mudanças. Apesar dele não nomear a quinta, acreditamos que seria o DI. Pela contagem desse trabalho seriam cinco alterações.

<sup>38</sup> Aprofundar o tema sobre o aparato de inteligência do GMD não foi possível neste trabalho, todavia, recomendamos o livro de Frederick Wakeman, intitulado "*Spymaster: Dai Li and the Chinese Secret Service*",

durante a segunda parte da guerra civil, na década de 40. Os sucessos de agentes comunistas infiltrados nos diversos níveis do *Guomindang* também vieram junto de uma falta de apoio de inteligência dos EUA à *SIGINT* dos nacionalistas, devido à importância do “problema soviético” (DIMITRAKIS, 2013, p. 64). Na próxima seção ficará claro como a consolidação do novo Estado chinês e de Mao trazem importantes resultados para o sistema de inteligência da China.

## **2.2 A República Popular da China e o caminho para a consolidação do aparato de inteligência**

O fim da Segunda Guerra Mundial viu uma mudança profunda na Ásia, não apenas quando a Rússia adentra a Manchúria para expulsar os japoneses, como quando os EUA lançam duas bombas atômicas no Japão. Como coloca Spence (1990, p. 483, tradução nossa): “com uma rapidez extraordinária, e de maneiras que ninguém na China estava adequadamente preparado, toda a estrutura política de poder na Ásia havia mudado.”<sup>39</sup> O DAS/DI tornaram-se cada vez mais coletores de inteligência da situação política internacional, mas ainda tinham como foco principal o GMD (GUO, 2012, p. 339-340).

Essa mudança externa foi seguida por instabilidade política, semelhante ao período de 1915, com números entre um e três milhões de mortos (MARTINS; VISENTINI, 2013, p. 103). Dessa vez, os EUA tentaram agir como moderador, mas sem grande sucesso. O projeto de reforma agrária carregado pelos comunistas na Manchúria foi a grande força do PCCh nesse período e o uso da inteligência de guerra teria sido essencial para as vitórias do Exército Vermelho (GUO, 2012, p. 340; SPENCE, 1990, p. 490-492). Guo (2012 p. 340) sugere que a diferença entre a vitória comunista e a derrota nacionalista foi o bom uso do aparato de inteligência pelo PCCh. Além disso, Dimitrakis (2013) descreve longamente como os EUA não forneciam auxílio de inteligência para os nacionalistas, pois estavam mais preocupados com conter o auxílio soviético aos comunistas. Todavia, parece que a inteligência militar funcionou como uma das variáveis numa situação de caos econômico e desconfiança da habilidade do GMD em criar um governo eficiente (SPENCE, 1990, p. 500-504).

---

que narra a história do chefe de segurança e inteligência de Chiang Kai-shek. O livro foi publicado pela University of California Press, em 2003.

<sup>39</sup> No original: *With an extraordinary suddenness, and in ways no one in China was adequately prepared for, the whole structure of Asian power politics had changed.*

Em 1949, o Exército de Libertação Popular vai atuar com firmeza na reestruturação da sociedade chinesa, organizando a economia ao mesmo tempo em que cercava o GMD, exigindo a sua rendição (SPENCE, 1990). Com a fuga de Chiang Kai-shek para Taiwan, vinha em outubro proclamação da República Popular da China.

Em agosto de 1949, o DAS já havia sido extinto. Com a RPC, foi criado o Ministério de Segurança Pública (MSP)<sup>40</sup>, responsável principalmente por segurança nacional, contra subversão, investigações e operações domésticas, inclusive em Taiwan, Macau e Hong Kong (GUO, 2012, p. 354; RICHELSON, 1988, p. 276; STRATFOR, 2010, p. 3). Nesse período inicial de consolidação do novo regime, o foco era a estabilidade interna e no monitoramento de estrangeiros presentes no país, bem como impedir a ação de grupos anticomunistas. Além disso, devido à perda de territórios dos anos anteriores, como o Tibete, e partes do Xinjiang, Burma e Mongólia, era necessário garantir as fronteiras chinesas (KISSINGER, 2011, p. 110). Para isso, seria necessária uma rede extensa de espiões e informantes, bem como um aparato policial para garantir o cumprimento das leis (GUO, 2012, p. 64; INKSTER, 2013; STRATFOR, 2010, p. 3).

É importante destacar que após o fim do aparato que existia tal como era na guerra civil, muitos dos agentes/espiões do antigo Departamento de Assuntos Sociais foram enviados para o Ministério das Relações Exteriores (MRE). O que era o DAS foi dividido entre inteligência civil e militar, com partes indo para o MRE, uma divisão de inteligência do Conselho Administrativo do Governo e divisões dentro do Exército de Libertação Popular (GUO, 2012, p. 344). Ainda segundo o autor, a ideia do PCCh era criar, além do MSP, um Ministério de Inteligência – projeto que nunca saiu do papel.

Alguns dos desafios de consolidar uma nova república significavam a criação de uma administração pública e organização macroeconômica com características diferentes das democracias liberais ocidentais (SKOCPOL, 1985). Parte desse projeto também era recuperar territórios da China imperial: em outubro de 1950, a RPC ocupa o Tibete para expulsar os ingleses do território (SPENCE, 1990, p. 525). Ademais, em junho havia iniciado a Guerra da Coreia, que duraria até 1953, colocando China e EUA oficialmente em lados opostos da batalha. Pelo seu apoio à Coreia do Norte, enviando quase 700 mil soldados, a China sofreria embargos dos EUA (GUO, 2012; SPENCE, 1990). É possível que a busca para melhor atender as demandas dessas situações, principalmente no âmbito da Guerra da Coreia, tenha despertado a necessidade de reforma do sistema nacional de inteligência.

---

<sup>40</sup> No inglês, *Ministry of Public Security* (MPS).

Dentro da CMC foi criado um Departamento Geral de Inteligência, que possuía três divisões: Divisão de Inteligência Administrativa, Divisão de Tecnologia e Divisão de Comunicação (*Liaison*, no original). A Divisão de Comunicação também recebia ordens do Departamento Geral de Pessoal (DGP) do ELP e era responsável pela inteligência externa (GUO, 2012, p. 343). Em março de 1955, essa Divisão de Comunicação transforma-se no Departamento Central de Investigação (DCI)<sup>41</sup>, que consolida inteligência civil e militar de foco externo no mesmo órgão. O DCI era responsável por recrutar e treinar novo pessoal nos postos diplomáticos chineses e, portanto, trabalhava com bastante proximidade do MRE e muitas vezes se sobrepondo hierarquicamente (GUO, 2012, p. 353). É importante destacar que já nesse período, a URSS não estava mais tão presente no treinamento e organização institucional do MSP e do DCI, sendo mantido o controle desses órgãos sob o PCCh (BRAZIL, 2015, p. 129).

Apesar dessa reforma, foi nesse período que iniciou a perda de importância da inteligência para a política externa, como maneira de consolidar a República Popular. Segundo Guo (2012, p. 345), o MSP ganha força nas suas atividades, agindo diretamente nos serviços de inteligência para a liderança comunista, principalmente Mao. Esse descaso ficará claro quando o Departamento Geral de Inteligência da CMC é extinto no início de 1953, transformando-se numa agência do DGP do Exército de Libertação Popular (NIE, 2009<sup>42</sup> apud GUO, 2012, p. 345). O período também foi marcado pela investigação de diversos agentes que atuaram durante a guerra civil, como nos casos de Pan Hannian e Yang Fan, por suspeita de traição e condenados após a investigação. Essas campanhas de autocritica em meados de 1950 se encaixam na narrativa de Spence (1990, p. 533-536) sobre a necessidade do PCCh de conquistar ideologicamente as populações nos centros urbanos, a partir da mobilização em massa<sup>43</sup>.

A segunda parte da década de 1950 foi igualmente agitada, ainda que mais “otimista”<sup>44</sup> (SPENCE, 1990, p. 551). Guo (2012, p. 355) reporta alguns casos bem-sucedidos de atuação do MSP em impedir um ataque a bomba contra Mao e outras lideranças do PCCh, em outubro de 1950 e de outra bomba na Praça da Paz Celestial (Tiananmen). Outro caso famoso foi o da bomba no avião que levaria Zhou Enlai à Conferência de Bandung, em 1955, e organizado pelo

<sup>41</sup> No inglês, *Central Investigation Department* (CID).

<sup>42</sup> Nie Junhua, “Xin zhongguo chengli chuqi zhengwu yuan de sheli yu chexiao” [Establishment and abolishment of the Government Administrative Council in the early PRC], *Dangshi bolan* [General review of the CCP history], no. 6 (2009).

<sup>43</sup> Destaca-se a campanha dos três anti e dos cinco anti, lançada em 1951 e 1952, respectivamente. Elas se referiam ao combate à corrupção, desperdício, burocracia excessiva, suborno, evasão fiscal, dentre outros.

<sup>44</sup> Segundo Spence, “otimista” pois a China restaurava sua importância na política internacional ao mesmo tempo em que o Primeiro Plano Quinquenal era bem-sucedido.



GMD. Em 1954 houve a Primeira Crise do Estreito de Taiwan, em 1958, a Segunda Crise do Estreito de Taiwan<sup>45</sup> e também o início do projeto econômico de Mao: o Grande Salto para Frente<sup>46</sup>, que fracassa, bem como conflitos fronteiriços com a URSS. Nesse período, o MSP cria uma Divisão de Investigação Inimiga<sup>47</sup>, para coletar inteligência fora do país com a função de monitorar inimigos internos. Houve também uma aproximação com a KGB<sup>48</sup>, o serviço secreto russo, para troca de inteligência e existem relatos de infiltração de agentes do PCCh nos EUA em busca de informações do programa nuclear (BRAZIL, 2015; GUO, 2012, p. 355).

Sobre o tema da disputa de poder e o período, Chambers (2012, p. 34, tradução nossa) diz: “[...] em meados dos anos 50, arquivos e história da inteligência – ainda longe do olhar público – haviam se tornado armas e meios para expurgos em vez de veículos para a verdade e fontes acadêmicas.”<sup>49</sup> Ainda que incipiente, pode-se verificar que havia um esforço na reorganização do aparato de inteligência, ainda que raso, visto outras preocupações de ordem mais urgente para o PCCh. Na subseção seguinte, tratar-se-á da inteligência militar e dos departamentos do ELP que também atuam na coleta e análise para a RPC.

### 2.2.1 A inteligência militar e o Exército de Libertação Popular

A proclamação da RPC também obrigara a reorganização do ELP, que abandonou as suas características de guerrilha para adotar um perfil mais convencional, instituindo um sistema de hierarquias, salários, criando forças paramilitares e desmobilizando milhões de soldados (CHEUNG, 2001, p. 62). Após a Guerra da Coreia, surge ainda maior necessidade de um exército profissional e de desmobilização de voluntários, mantendo um grupo mais seletivo, que fosse capaz de realizar engenharia de batalha e logística avançada e lidar com armamentos pesados (SPENCE, 1990, p. 559; WANG, 2011).

<sup>45</sup> As duas crises no Estreito de Taiwan foram referentes à tomada de território de pequenas ilhas próximas a ilha de Taiwan. Ambas tiveram envolvimento da Marinha dos Estados Unidos e bombardeios realizados pela RPC, sendo a segunda crise continuidade da anterior.

<sup>46</sup> O Grande Salto para a Frente, ou Grande Salto Adiante, foi um projeto econômico lançado por Mao e que ambicionava modernizar e industrializar a China. A combinação de políticas fracassadas na agricultura coletiva, bem como sérios problemas climáticos tornaram o programa um insucesso e uma crise política seguiu.

<sup>47</sup> No mandarim: *dizhen chu*.

<sup>48</sup> A KGB, ou *Komitet gosudarstvennoy bezopasnost*, era a agência do serviço secreto da URSS, que também possuía status de ministério. Criada em 1954 e extinta em 1991, com o fim da União Soviética. Para saber mais sobre, recomenda-se o livro “*The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB*” de 2000, cujos autores são Christopher Andrew e Vasili Mitrokhin (ex-agente da KGB). O livro trata principalmente da atuação da KGB no exterior.

<sup>49</sup> No original: *In short, by the mid-1950s, intelligence archives and history—still out of the public gaze—had become weapons and mediums of purges rather than vehicles of truth and scholarly resources.*

Segundo Cordesman e Colley (2015, p. 150) e Duarte (2014, p. 66), o ELP, que se divide entre Exército, Marinha e Força Aérea, tem como “principal função a defesa externa da China, mas tem a missão secundária de prover segurança doméstica ‘de acordo com a lei’”. Dentro do ELP existem quatro departamentos: Departamento Geral de Pessoal (DGP), Departamento Político Geral, Departamento de Logística e Departamento Geral de Armamento. Segundo Eftimiades (1994, p. 95), “a função do DGP é implementar e monitorar as políticas do Comitê Central da Comissão Militar e cuidar da rotina do ELP”.

O DGP é o principal foco dessa seção do presente trabalho, visto que é nele que se encontra o Segundo Departamento (ELP2), responsável principal pela HUMINT das Forças Armadas (EFTIMIADES, 1994; GUO, 2012), bem como pela “subordinadas a esta entidade estão o Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais da China e a Fundação de Estudos Estratégicos Internacionais, os principais *think tanks* do ELP” (DUARTE, 2014, p. 66). A origem do ELP2 pode ser encontrada na Divisão de Espionagem do CMC, criada em 1931 e foi fundido com o DI do Comitê Central em 1941, retornando ao comando do ELP somente em 1953 (GUO, 2012, p. 369).

O ELP2, então seria o “[...] braço militar de inteligência do exército chinês, que trabalha junto a um grupo de centros de pesquisa que analisam inteligência, realizam pesquisa e intercâmbio de fontes abertas e conduzem atividades voltadas para o exterior. (ALDRICH; KASUKU, 2012, p. 1019, tradução nossa)<sup>50</sup>.

Dentro do ELP2, tem-se o Departamento de Inteligência Militar (DIM), que cuida da inteligência por imagens (*IMINT*) e o Departamento Técnico, responsável pela coleta de *SIGINT* para uso tático e estratégico (EFTIMIADES, 1994; RICHELSEN, 1988, p. 290-91; STRATFOR, 2010). O ELP3, ou Terceiro Departamento, é o Departamento Técnico e de Reconhecimento, coletando *SIGINT*. A inteligência coletada pelo ELP2 tem como principais recipientes o DGP, a CMC e o Ministério da Defesa (EFTIMIADES, 1994, p. 95). O ELP2 possui o Primeiro Escritório, responsável por atividades em territórios estrangeiros, com subdivisões em: Pequim, Shenyang, Xangai, Cantão e Tianjin. O foco técnico do ELP2 aumentou a partir das reformas propostas por Deng (GUO, 2012). Além disso, é importante ressaltar que dentro do aparato militar na China existe não apenas o comando nacional, mas também sete regiões militares no território da RPC, cada uma com estruturas organizacionais das três Forças, logística e inteligência (BLASKO, 2006).

---

<sup>50</sup> No original: *PLA2, the military intelligence wing of the Chinese Army, works closely with a group of research bodies that analyse intelligence, undertake open source research and exchange, and conduct outward-facing roles.*

Em abril de 1970, também foi lançado em órbita o China 1 (ou Longa Marcha 1), satélite chinês que iniciou o programa de reconhecimento por fotografia da RPC, a cargo do DIM e em 1971, foi a vez do China 2 (RICHELSON, 1988, p. 287; WANG, 2011). O lançamento bem-sucedido ofereceu a China o status de quinto país no mundo a criar e lançar seu próprio satélite – que inclusive era o mais pesado lançado até o momento (WANG, 2011, p. 120).

No início da década de 1970 e com o fim dos embargos sobre a China, o Departamento de Inteligência do DGP/ELP tornou-se uma ferramenta importante para o desenvolvimento de uma RPC com atuação internacional. Zhou Enlai também enviava diversos agentes para escolas do partido, que eram mais “leves” no tratamento do que os campos de reeducação. Assim, por ambos os motivos, os agentes do Departamento de Inteligência do ELP não foram, em sua maioria, atingidos pela Revolução Cultural (GUO, 2012, p. 360).

Aldrich e Kasuku (2012, p. 1019) afirmam que para o governo chinês sob Mao Zedong, a inteligência militar e a criação de políticas eram menos importantes do que a inteligência que tivesse fins de implementação de políticas. Mao afirmou para Kissinger que os serviços de inteligência “não funcionavam bem” na China, tal qual nos Estados Unidos – uma observação que Kissinger concordou parcialmente. Essa incredulidade quanto à eficiência dos serviços de inteligência da República Popular da China pode ter origem na complexa relação de disputa entre Mao e Zhou Enlai, que fora um dos chefes do aparato de inteligência e segurança do Partido Comunista Chinês durante a revolução comunista (GUO, 2012). A seguir, discutiremos o papel da Revolução Cultural nas mudanças do sistema nacional de inteligência e da crescente participação chinesa na política internacional.

### 2.2.2 A Revolução Cultural

Os resultados negativos do Grande Salto para Frente levaram a liderança do PCCh a considerar a política externa como uma ferramenta importante para o desenvolvimento interno do país, uma ideia liderada por Liu Shaoqi e Deng Xiaoping (GUO, 2012, p. 356; SPENCE, 1990). Durante os anos 60, Mao subsequentemente negligenciou os serviços de inteligência e muitos dos antigos agentes foram expurgados durante a Revolução Cultural (GUO, 2012, p. 345-346).

Apesar disso, o DCI teve um papel crescente na política externa da China, ao fornecer inteligência sobre possíveis países que seriam parceiros ou inimigos, conduzindo também a proteção de lideranças do PCCh fora do território chinês. Por sua vez, era o MPS que garantia os esforços de contraespionagem, com poder para investigar e prender possíveis agentes

inimigos. Portanto, fazia sentido alocar o DCI para preparar documentos e análises acerca de visitantes estrangeiros importantes e conferências em outros países de modo a maximizar as potencialidades dos encontros (GUO, 2012, p. 354-357).

Além do DCI, Mao também promoveu a criação de institutos de pesquisa, que serviriam para treinar funcionários do MRE e do DCI, a partir de 1961, como o Instituto de Relações Internacionais<sup>51</sup> e o Instituto Chinês de Relações Internacionais Contemporâneas (no inglês, *CICIR*)<sup>52</sup>. Esse processo seria continuado por Zhou Enlai, a partir de 1964, com a criação de cursos superiores de Relações Internacionais, para treinamento de agentes do DCI (BRAZIL, 2015, p. 132)

Segundo Chambers (2012, p. 34), o uso da inteligência para fins políticos das lideranças do PCCH atingiu um pico durante a Revolução Cultural, que inicia em 1966 e dura dez anos. Em 1965, o Ministro da Segurança Pública é preso e inicia-se um processo de expulsão de diversos membros do PCCh (GUO, 2012, p. 358). Um dos efeitos desse processo foi o fechamento dos Institutos criados no início da década, sendo que apenas o CICIR permaneceu em funcionamento, principalmente fornecendo informações acerca da Guerra do Vietnã, da captura do navio USS *Pueblo* pela Coreia do Norte e da invasão da Tchecoslováquia (ambos em 1968), e do conflito na fronteira da China com a URSS, em 1969 (BRAZIL, 2015, p. 132). Existem relatos de que a China teria inclusive enviado inteligência para a França, durante a Guerra do Vietnã e também sobre a URSS (RICHELSON, 1988).

Em 1962, Kong Yuan presidia o DCI e era um dos principais seguidores de Zhou Enlai e em 1967, ele seria substituído por Kang Sheng, que retornava de um longo exílio. Ainda durante a Revolução Cultural, o DCI teve seu papel na coleta de inteligência externa relativamente reduzido, em março de 1967, quando o Terceiro Escritório passa a ser controlado pelo CMC e pelo Departamento Político do ELP, quando parte da equipe do DCI é enviada para os campos de reeducação (BRAZIL, 2015, p.133; CHAMBERS, 2012; GUO, 2012, p. 358-359). Em 1968, o DCI foi principalmente utilizado pela facção rebelde para acusar as lideranças do Partido. Essa instabilidade interna geraria insegurança para os agentes chineses no exterior e Zhou Enlai acabou transferindo diversos documentos confidenciais do DCI para o Escritório Geral Central do PCCH (GUO, 2012, p. 359).

Segundo Brazil (2015), o CICIR seria fundamental na aquisição de inteligência para a restauração das relações China-EUA, no início da década de 1970. Por conseguinte, a entrada da República Popular da China na Organização das Nações Unidas e no Conselho de Segurança,

---

<sup>51</sup> Mais tarde o nome do Instituto seria alterado para Instituto Chinês de Estudos Internacionais.

<sup>52</sup> No inglês, *China Institutes of Contemporary International Relations* (CICIR).

em 1971, permite que diversos agentes do DCI pudessem retornar aos seus postos, em sua maioria profundamente leais ao maoísmo (GUO, 2012, p. 361). Em 1972, Nixon realiza a sua famosa visita à China, para retomar as relações diplomáticas com o país, criando uma triangulação em oposição à URSS. Ainda no mesmo ano, Hua Guofeng, que viria a ser líder do PCCh após a morte de Mao, assumiu o cargo de ministro do MSP e o DCI virou um dos seus apoiadores, através das amizades de Hua com líderes do DCI (BRAZIL, 2015; GUO, 2012, p. 362). Em 1973, o DCI retornou ao seu funcionamento pré-1967. Nesse período, Kang Sheng, no comando do DCI, tentou uma aproximação com Zhou Enlai e Deng Xiaoping, após este ter retornado de um período de exclusão.

Ao fim dessa subseção podemos perceber que ao contrário do que dito por Guo (2012), a China não abandona seu serviço de inteligência durante a Revolução Cultural. Isso se dá principalmente pela nova participação na política internacional, bem como as próprias necessidades de figuras do PCCh. A seguir, discutiremos o fim do governo de Mao Zedong e com a ascensão de Deng Xiaoping foi um ponto de virada não apenas econômico para a China, mas também para as suas instituições.

### 2.2.3 O fim da era Mao e as reformas de Deng Xiaoping: a institucionalização do sistema nacional de inteligência

À medida que a China crescia, o DCI ganhou maior importância e profissionalização, sendo que nos anos seguintes irá encerrar o uso de oficiais de diplomacia como espões. Ao mesmo tempo, com a normalização das relações com os EUA em 1971, Deng tentou realizar algumas mudanças no sistema de inteligência da RPC (STRATFOR, 2010, p. 3;). Segundo Guo (2012, p. 362, tradução nossa): “Deng não confiava no DCI para ser sua vanguarda contra Hua Guofeng, e considerava o DCI uma ‘área de calamidade pública’”<sup>53</sup>.

Em 1976, Zhou Enlai e Mao Zedong vem a falecer e um período intenso de disputas internas inicia na RPC. Segundo Chambers (2012, p. 35), a questão do aparato de inteligência só é retomada no final de 1978, atestando para o período conturbado de transição. O período de revisão e análise pelo qual a liderança do PCCh passou após a morte de Mao também foi um de reabilitação de diversas figuras que haviam sido expulsas em anos anteriores, como foi o de diversos ex-agentes de inteligência (CHAMBERS, 2012). Houve uma profunda análise dos

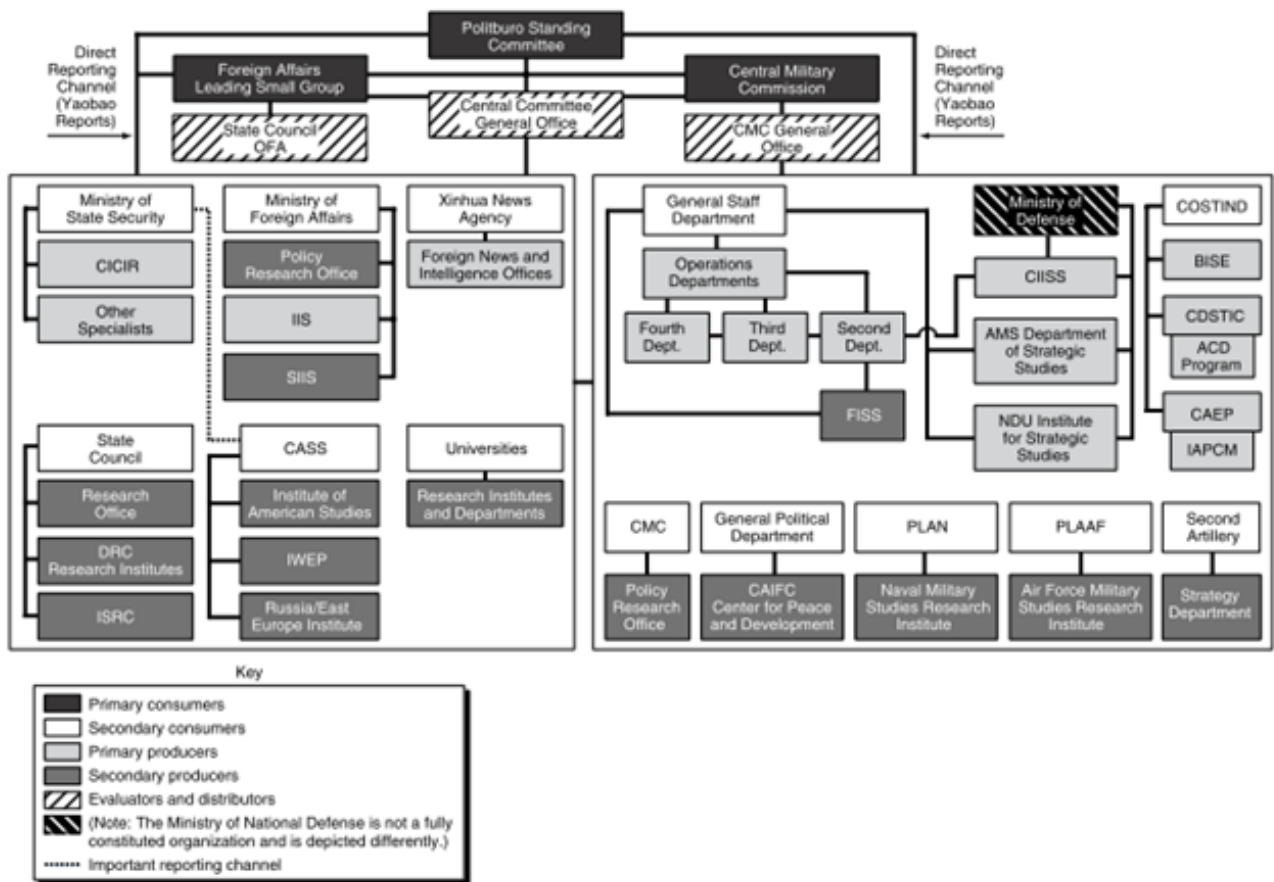
---

<sup>53</sup> No inglês: *Deng did not trust the CID to be his vanguards against Hua Guofeng, and he deemed the CID a ‘severe disaster area’*

danos da Revolução Cultural – cujos erros ficaram avaliados como a cargo da atuação da Gangue dos Quatro<sup>54</sup>.

Em julho de 1977, Deng tornou-se vice-presidente da CMC e vice Primeiro Ministro. Logo em seguida, inicia a sua campanha das Quatro Modernizações (indústria, agricultura, tecnologia e forças armadas) o que seria o início de uma nova era da República Popular da China. Essas modernizações seriam realizadas a partir de reformas internas na economia e também para engrandecer o papel da China na política internacional (MARTINS; VISENTINI, 2013; SPENCE, 1990). Para além do crescimento e da expansão chinesa, que serão mais debatidas no capítulo seguinte, é importante destacar aqui a vontade pela mudança institucional que inicia nesse período. Após assumir o poder, ele irá realizar uma minuciosa análise de todos os agentes e oficiais do DCI, inclusive convocando aqueles no exterior a se apresentarem nas embaixadas e consulados chineses até o final de 1985 (GUO, 2012, p. 362).

**Figura 4 - Aparato de Inteligência da RPC**



Fonte: Swaine, 1998, p. 59.

<sup>54</sup> A Gangue dos Quatro era composta pela esposa de Mao, Jiang Qing, bem como Wang Hongwen, Zhang Chunqiao e Yao Wenyuan.

Por conseguinte, o final da década de 1970 viu um leque de modernizações e outros programas que tinham como objetivo desenvolver a China economicamente e tecnologicamente. Segundo Blancke (2013, tradução nossa): “Estes programas priorizaram o uso de monitoramento agressivo de todas as fontes disponíveis internacionais, que conduz a uma situação em que à OSINT foi atribuído um grau mais elevado de importância do que em qualquer outro país.”<sup>55</sup>

Durante o 6º Congresso Nacional do Povo, em junho de 1983, um relatório foi enviado afirmando que

[...] para proteger a segurança do estado e fortalecer o trabalho de contraespionagem da China...o Conselho de Estado está submetendo para o presente congresso a aprovação da proposta para o estabelecimento de um Ministério de Segurança do Estado, que vai prover liderança efetiva sobre tal trabalho. (CONGRESSO NACIONAL DO POVO, 6., 1983<sup>56</sup> apud RICHELSON, 1988, p. 281, tradução nossa)

Com a percepção de que a abertura colocava a China numa posição vulnerável frente a outros países com serviços de inteligência bastante institucionalizados, houve uma movimentação do PCCh para criar um aparato mais concreto e também evitar vazamentos de informação para a imprensa estrangeira (RICHELSON, 1988, p. 282).

O próximo capítulo tratará de como a China consolida seu aparato de inteligência nos anos 1980, num modelo que manterá certa constância até os dias de hoje, a partir da busca da China por um maior papel no cenário internacional. Além disso, tratar-se-á da modernização militar da China e o papel da inteligência nessa nova fase das Forças Armadas. Por fim, analisaremos como as disputas internas do PCCh têm sido reacendidas no governo de Xi Jinping e como o expurgo de figuras ligadas ao aparato de segurança e inteligência podem indicar a sua importância para as novas lideranças.

---

<sup>55</sup> No inglês: *These programmes prioritised the use of aggressive monitoring of all available international sources, leading to a situation in which OSINT was attributed a higher degree of significance than in any other country.*

<sup>56</sup> “Reporto on Government Work”, delivered to the First Session of the Sixth National People’s Congress on June 6.

### 3 A CHINA REFORMADA: DA CRIAÇÃO DO MSE (1983) AO GOVERNO XI JINPING (2012-2015)

O fortalecimento das instituições se torna necessário para a consolidação de um Estado Nacional e, logo, das organizações de segurança nacional – ainda que as instituições incluam características próprias conforme o país (EFTIMIADES, 1992). Nesse sentido, a República Popular da China, devido a necessidade de coleta e análise de informação, avançou na década de 1980 no fortalecimento das instituições de segurança, de modo auxiliarem no projeto de reforma política – e ideológica – iniciada por Hua Guofeng, Deng Xiaoping e seus apoiadores (FEWSMITH, 2008). Com a intenção de reduzir a diferença tecnológica entre a China e o resto do mundo, diversas ações cobertas e encobertas teriam sido iniciadas a partir desse objetivo (INKSTER, 2013, p. 48).

Desse modo, diversos departamentos tornam-se padronizados ou tem suas estruturas organizacionais alteradas durante os anos finais de 1970 e na década de 1980. É necessário compreender como o Partido determina a padronização dos departamentos dentro de todos os ministérios e, portanto, “identificar as funções dos escritórios administrativos e funcionais comum a todas as agências do governo da China oferece certa compreensão da estrutura do serviço de inteligência civil” (EFTIMIADES, 1992, p. 4).

Em 1980, Deng Xiaoping fez um discurso sobre a necessidade de reformar o PCCh bem como o sistema político chinês, na busca por instituições que não pudessem sofrer constrangimentos por figuras políticas (FEWSMITH, 2008, p. 4). Três anos depois, em 1983, foi criado o Ministério da Segurança do Estado (MSE)<sup>57</sup>, o principal órgão responsável pela atividade civil de inteligência do governo chinês. A ala militar do serviço de inteligência chinês também tem visto alterações desde a década de 1980. A modernização militar das Forças Armadas e o alto investimento em defesa são um demonstrativo disso<sup>58</sup>.

Para os EUA, conforme documentos liberados recentemente (AID; RICHELSON, 2011, p. 1-2), a espionagem na China comunista nunca foi bem-sucedida e ao que tudo indica nunca recrutou agentes de alto nível da RPC. Os motivos para isso incluem “o sofisticado sistema de segurança interna chinesa em multicamadas”, os procedimentos de comunicação “rigorosos e difusos” e,

<sup>57</sup> No inglês, Ministry of State Security (MSS) e no mandarim, *goujia anquanbu*.

<sup>58</sup> O orçamento de defesa em 1997 era de 9,8 bilhões de dólares. Em 2014, a estimativa é de 132 bilhões de dólares, segundo dados do governo.



[...] Ademais, a China foi consistentemente tratada como uma prioridade secundária pela alta administração da comunidade de inteligência dos Estados Unidos, com a atuação sobre a China sempre recebendo uma fração do orçamento, e recursos de mão de obra e equipamentos que foram empregadas no esforço de coleta contra a União Soviética e seus aliados da Europa de Leste. (AID; RICHELSON, 2011, p. 1-2, tradução nossa)<sup>59</sup>

Essa falta de preocupação estadunidense com a RPC e o pouco esforço colocado em barrar o avanço tecnológico do país podem ter sido fatores positivos no progresso chinês das últimas décadas.

Considerando esse novo cenário, o presente capítulo irá abordar a criação do novo Ministério de Segurança do Estado. Por ter diversas atividades de inteligência doméstica, decidiu-se por inserir uma subseção acerca do Ministério de Segurança Pública. Além disso, a principal mudança após a Guerra Fria será a ascensão da China, o foco em tornar-se “global” (SHAMBAUGH, 2013), e a modernização das suas Forças Armadas – com importantes resultados para a coleta de inteligência militar. Por fim, analisaremos o governo Xi Jinping, eleito em 2012, até o momento no quesito da campanha anticorrupção e política externa refletindo no sistema nacional de inteligência.

### 3.1 O novo Ministério e a institucionalização após as reformas

O MSE, a partir da sua criação em 1983, passou a englobar as atividades de contraespionagem do MSP e do Departamento de Investigações (DI) do PCCh (EFTIMIADES, 1992, p. 5) e responsável

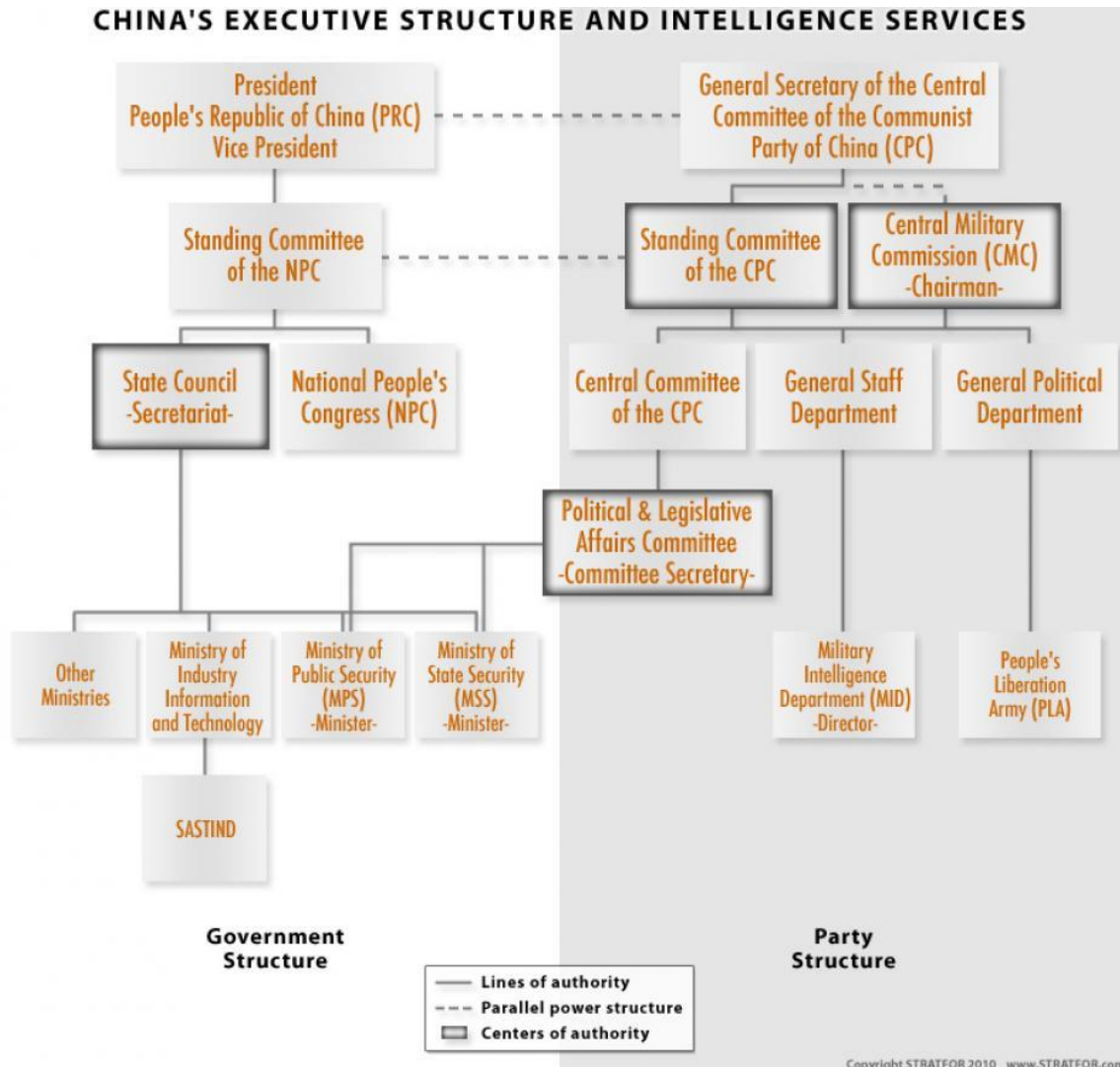
[...] pelo trabalho de contraespionagem, garantia de segurança nacional, manutenção da estabilidade política e social, vigilância e monitoramento de dissidentes políticos e separatistas étnicos e religiosos, salvaguarda do desenvolvimento econômico, e encorajar os cidadãos chineses a serem leais ao Estado. (GUO, 2012, p. 342, tradução nossa)<sup>60</sup>

<sup>59</sup> No original: [...] *In addition, China was consistently treated as a second-tier priority by the senior management of the U.S. Intelligence Community, with the Chinese target always receiving a fraction of the fiscal, manpower, and equipment resources that were employed in the collection effort against the Soviet Union and its Eastern European allies.*

<sup>60</sup> No original: [...] *the Ministry of State Security (MSS) is responsible for counterespionage work, ensuring state security, maintaining social and political stability, surveilling and monitoring political dissidents and ethnic and religious separatists, safeguarding economic development, and encouraging Chinese citizens to be loyal to the State.*

De modo a auxiliar na visualização da estrutura atual do Partido e do aparato de inteligência, segue a figura abaixo:

**Figura 5 – Estrutura Executiva da RPC e do Sistema Nacional de Inteligência**



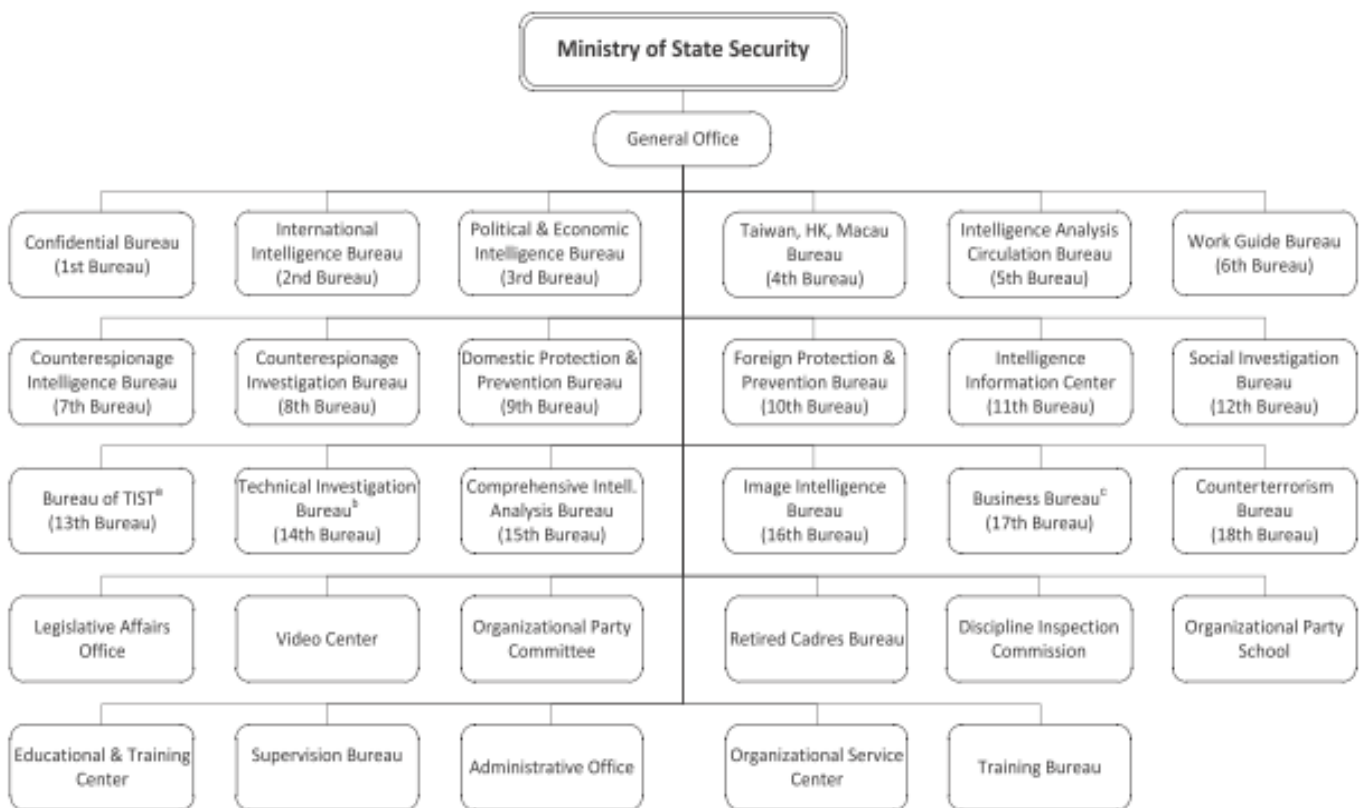
Fonte: Stratfor, 2010, p. 4.

Segundo Guo (2012, p. 366), as atividades de inteligência nas quais o MSE atua também incluem o monitoramento de empresários e o recrutamento de possíveis agentes, tais como pesquisadores e oficiais localizados em outros países com acesso à tecnologia. Mattis (2011, p. 37) cita que o governo da RPC nega operações de coleta de inteligência e tecnologia, mantendo seu foco apenas na contraespionagem e estabilidade interna.

Enquanto todos os ministérios da RPC utilizam uma subdivisão geográfica para a organização de seus trabalhos, o MSE não está moldado dessa maneira. As divisões administrativas são: Gabinete Pessoal, Gabinete de Planejamento, Gabinete de Finanças e Contabilidade, Gabinete de Treinamento e Educação (possivelmente com aulas de idiomas),

Instituto de Pesquisa (que em 1985 teria cerca de 300 pesquisadores e funcionários), Assuntos Gerais e Comissão de Inspeção de Disciplina, sendo esse último o principal órgão do PCCh dentro do ministério (EFTIMIADES, 1994). Além disso, o MSE também possui um Secretariado que coordena o fluxo de informações e prioridades do ministério, bem como já aumentou seu tamanho para trinta departamentos e escritórios (EFTIMIADES, 1992, p. 6-8; EFTIMIADES, 1994, p. 29-30; GUO, 2012). O primeiro e o quinto escritório são os que lidam com questões de ameaça interna, em atividades que se sobrepõe às do MSP.

**Figura 6 – Estrutura Organizacional do Ministério de Segurança do Estado**



Fonte: DU, 2009<sup>61</sup> apud GUO, 2012, p. 365.

Além de dar um caráter mais global ao sistema de inteligência da RPC, o MSE também foi criado para evitar o vazamento de informações para a imprensa e reduzir a influência de lideranças conservadoras (GUO, 2012, p. 364; RICHELSON, 1988, p. 277 e 282). O fato de agentes chineses já terem sido desmascarados nas últimas décadas nos EUA, Japão, Taiwan, Sudão, Brasil, França, dentre outros, são exemplos de que o MSE atua fora do território da RPC, com passaportes forjados, confiando principalmente em inteligência humana. O caso mais

<sup>61</sup> Du Ling, *Zhonggong gong'an zhidu yanjiu* [Research on the system of the CCP public Security], p. 102.

notório possivelmente é o de Larry Wu-tai Chin, que atuou durante a 30 anos como agente duplo para o MSE e o MSP na CIA, até 1986 (EFTIMIADES, 1992, p. 8-11; EFTIMIADES, 1994, p. 36; GUO, 2012; STRATFOR, 2010, p. 3).

A descoberta de espões chineses, em 1986, 1987 e 1988, atuando nos EUA e em Taiwan, levou Eftimiades a concluir que o MSE possui o “conhecimento operacional” para oferecer apoio aos seus agentes. Segundo Mattis (2011, p. 43-44), a abertura também permitiu que agentes taiwaneses adentrassem a RPC para conduzir atividades de espionagem. O modus operandi do MSE era de buscar contato com empresários taiwaneses, utilizando chantagem e suborno.

Também dentro do MSE existe uma unidade que atua com temas externos, supervisiona os escritórios nas províncias/regionais e seus funcionários são treinados para reconhecer equipamento técnico e táticas operacionais de serviços secretos (EFTIMIADES, 1994, p. 35). Os agentes do MSE não podem ser transferidos para outros ministérios ou organizações sem a autorização do Departamento de Organização do PCCh e ainda que autorizada a transferência, não devem deixar o país por quinze anos (DING, 2004<sup>62</sup> apud GUO, 2012, p. 364). Segundo Blasko (2006, p. 18; tradução nossa), os agentes do MSE “rotineiramente não usam uniformes no exercício das suas funções, que muitas vezes requerem atividades furtivas, como a vigilância de cidadãos chineses, bem como estrangeiros”.<sup>63</sup> Richelson (1998) ainda relata que o MSE era, à época, composto por uma equipe de oficiais autoritários e conservadores leais a Mao e contrários às reformas de Deng. Destaca-se também certos atritos com a força policial chinesa, visto que o MSE e o próprio MSP possuem jurisdição para comandar a polícia em investigações e garantir a segurança dos cidadãos da RPC (GUO, 2012).

Segundo a Stratfor (2010, p. 5), a estrutura organizacional do MSE é muito semelhante à da KGB. Dentro do material que foi revisado, existem duas visões sobre o método chinês de coleta: um que prevê a ideia de uma coleta de inteligência em grãos ou em “mosaico” (ALDRICH; KASUKU, 2012; EFTIMIADES, 1992; EFTIMIADES, 1994; STRATFOR, 2010). Essa abordagem afirma que o método de coleta dos chineses é principalmente para fins defensivos e “foca na anulação das ameaças às ambições legítimas da China” (ALDRICH; KASUKU, 2012, p. 1019). Segundo essa primeira vertente, não haveria uma institucionalização

<sup>62</sup> Ding Ke. “Tegong–minyun–Falun Gong: Yige shengming de zhenshi gushi” [Secret agent – Democratic movement – Falun Gong: The true story of a life], in Zhao Ming et al., eds., *Hongchao huangyan lu* [Record of lies in a red dynasty], vol. 1, Sunnyvale, CA: Boda chubanshe, 2004, pp. 272–313.

<sup>63</sup> No original: *MSS officers routinely do not wear uniforms in the performance of their duties, which often require stealthy activities such as surveillance of Chinese citizens as well as foreigners. The MSS system extends from the national level down to offices subordinate to provincial and local governments. MSS officers are basically “secret police” for internal matters and spies and counterintelligence agents for external purposes.*

do serviço de inteligência na China no âmbito de seus agentes e dos métodos tradicionais de coleta: qualquer amador, seja um estudante ou turista chinês poderia ser um espião em potencial, que seria convencido a espionar pelo país por puro nacionalismo (MATTIS, 2011, p. 7-8).

A outra é uma crítica a essa, focada no recrutamento de estrangeiros, com conexões concretas com a China e muitas vezes através de chantagem e em detrimento de funcionários pagos e profissionais (MATTIS, 2011; MATTIS, 2012a, p. 679 e 691; 2012b, p. 49). Como só foi encontrada uma fonte que critica a abordagem de mosaico é improvável que se consiga comprovar essa hipótese. Todavia, Mattis coloca (2012a e 2012b), que a espionagem comercial não deve ser vista como interligada ao serviço de inteligência chinês. Segundo ele, “na maioria dos casos, a conexão com a inteligência chinesa se supõe em vez de se provar ou persuasivamente argumentar.”<sup>64</sup> (MATTIS, 2012a, p. 683)

Segundo Richelson (1988, p. 294), o método quase amador de coleta em grãos estaria interligado ao modo com que a China faz sua política externa e ao papel que os *think-tanks*, como o CICIR e o China Institute for International Strategic Studies (CISS) têm na coleta e análise. Sobre esse último, Aldrich e Kasuku escreveram: “A fronteira entre os centros de análise de inteligência e os *think-tanks* na China é notoriamente fina. O núcleo da comunidade de segurança nacional da China em Pequim é focado em *think-tanks* e outras entidades de pesquisa com fortes ligações com instituições estatais.” (ALDRICH; KASUKU, 2012, p. 1019, tradução nossa)<sup>65</sup>

Ainda, sublinha-se que a primeira metade dos anos 1980 foi marcada pela publicação de diversos textos autorizados pelo Partido Comunista sobre antigas figuras envolvidas em espionagem, ainda que em tiragens baixas e distribuição limitada. Todavia, a China ainda não publica literatura sobre o serviço de inteligência para o grande público e muito da história verbal se perdeu durante a Revolução Cultural. Particularmente se destaca a falta de publicações chinesas sobre a atuação do MSE fora do território chinês (CHAMBERS, 2012, p. 40-41, 43).

Na segunda metade da década, destacam-se atividades conjuntas do MSE e do MSP – ambos reuniram suas funções em Hong Kong num departamento único. Tais disfarces, como repórteres da Xinhua, foram bastante comuns nos anos seguintes e inclusive permitiram a descoberta de dois casos de corrupção em 2001 (GUO, 2012, p. 366-367). Se insere nesse

---

<sup>64</sup> No original: *In many cases, a Chinese intelligence connection is assumed rather than proved or persuasively argued.*

<sup>65</sup> No original: *The boundary between centres of intelligence analysis and think-tanks in China is notably thin. The core of China's national security community in Beijing is focused upon think-tanks and other research entities with strong links to state institutions.*

cenário o Plano 863, um plano nacional de ciência e tecnologia para Pesquisa & Desenvolvimento, lançado em 1986 por Deng Xiaoping. O Plano 863 colocou um peso maior sobre as necessidades de coleta de inteligência acerca de temas de tecnologia que pudessem auxiliar o desenvolvimento da economia chinesa (INKSTER, 2013, p. 50-51). Segundo Blancke (2013, p. 2), esse tipo de atitude fortaleceu o uso de fontes abertas para coleta de inteligência (*OSINT* ou *open source intelligence*).

Por fim, para considerarmos os caminhos tomados nos governos futuros, é necessário pensar nas “três forças malignas” citadas por um ex-funcionário do MSE para DuPont (2007<sup>66</sup>apud INKSTER 2013, p. 48) que, teoricamente, guiariam o trabalho da organização: a preocupação com o separatismo, o terrorismo e o extremismo religioso. Para Eftimiades (1992, p. 4), a RPC, por ser “em termos estritamente militares, [...] um poder regional, não global” terá a sua percepção de ameaças diferente da de um poder global com os Estados Unidos, que necessita de informação no âmbito internacional. A China, por sua vez, parece focar seus esforços no âmbito regional, por exemplo, em possíveis problemas com seus vizinhos, como o crime organizado e com os aliados dos EUA na região.

Com base nas suas funções e estrutura organizacional complexa, podemos verificar que o MSE foi um grande avanço frente aos órgãos de inteligência anteriores do PCCh e da RPC. Logo aqui, já é perceptível a preocupação com o entorno estratégico, com destaque para os casos em Taiwan (e de espiões taiwaneses na RPC), e também na produção acadêmica e qualificada de profissionais, com *think tanks* e institutos internos ao ministério. De modo a compreender o aparato de inteligência que se consolida nos anos seguintes às reformas, é preciso também olhar para o trabalho do MSP. Junto ao MSE, analisar o MSP enquanto parte do aparato enfatiza a teoria de Mattis de um serviço de inteligência profissional que data de antes da abertura.

### 3.1.1 O Ministério de Segurança Pública (MSP)

Segundo Guo (2012, p. 89), o MSP, datando de 1954, foi um dos únicos órgãos governamentais da RPC que sofreu enfraquecimentos profundos durante a Revolução Cultural, perdendo o controle das forças policiais de fronteira. A sua efetividade só foi restaurada em dezembro de 1978, apesar das disputas entre a facção de Deng Xiaoping e Hua Guofeng<sup>67</sup>. Deng

<sup>66</sup> Sam DuPont, ‘China’s War on the “Three Evil Forces”’, *Foreign Policy*, 25 July 2007, [http://blog.foreignpolicy.com/posts/2007/07/25/chinas\\_war\\_on\\_the\\_three\\_evil\\_forces](http://blog.foreignpolicy.com/posts/2007/07/25/chinas_war_on_the_three_evil_forces).

<sup>67</sup> Hua Guofeng era considerado o sucessor de Mao, dirigindo o PCCh e a CMC e era um dos líderes após a morte de Mao que seguia a linha maofista com veemência.

esperava utilizar o MSP contra a facção maoísta da liderança mais antiga do partido – assim considerando-o uma ferramenta de consolidação de poder.

Alguns analistas sugerem que o MSP é subalterno às ordens do MSE. De qualquer modo, há uma coordenação funcional entre os dois ministérios (STRATFOR, 2010, p. 7). Com ressalvas à sua imparcialidade, Guo (2012) e Stratfor (2010) apontam que os dois principais pontos de cooperação entre os MSP e o MSE seriam a estabilidade política e o controle sobre as forças regionais/locais. Desde 1978, o MSP cresceu em tamanho (de treze escritórios em 1966 para vinte e três em 1984) e também tem funções como prevenção de atividades terroristas, inspeções de redes públicas de informação, investigação e supervisão do serviço de segurança realizado em órgãos governamentais (GUO, 2012, p. 93). Assim, “o MSE tem autoridade de fiscalização, enquanto os escritórios locais do MSP são, em última instância, responsáveis pela segurança pública no país inteiro” (STRATFOR, 2010, p. 8). E,

O Ministério de Segurança Pública e o Ministério de Segurança do Estado são sistemas civis que respondem ao Conselho de Estado liderado pelo Primeiro Ministro. Oficiais militares uniformizados não estão envolvidos nesta cadeia de comando. As unidades militares, bem como da Polícia Armada do Povo paramilitares e milícias [...], podem cooperar com a polícia, em determinadas circunstâncias, mas irão fazê-lo após as decisões coletivas tomadas pelo governo, autoridades militares e do partido. (BLASKO, 2006, p. 18, tradução nossa<sup>68</sup>)

A maior parte do recrutamento de agentes do MSP seria feito em cidadãos sem treinamento em atividade de coleta ou operações de inteligência. A ideia seria que as tarefas não se fossem alocadas individualmente, mas para vários agentes, de modo que seja possível a comparação dos resultados (STRATFOR, 2010, p. 8). Esse pensamento do relatório da Stratfor é a linha criticada por Mattis de que não existem agentes profissionais nos ministérios.

Em 2000, destaca-se que foi criado o Escritório para Supervisão de Segurança das Redes de Informação Pública sob supervisão do MSP, que possui como principal tarefa o monitoramento e controle de atividades online de organizações e indivíduos contrários ao regime (GUO, 2012, p. 97). Isso faz parte de um esforço maior para desbandar grupos de dissidentes, que o governo chinês parece conseguir infiltrar com facilidade no nível local. Entretanto, parece haver certo atraso no envio dessa inteligência do nível local para o nacional.

---

<sup>68</sup> No inglês: *The Ministry of Public Security and Ministry of State Security are civilian systems which report to the State Council headed by the premier. Uniformed military officers are not involved in this chain of command. Military units, as well as the paramilitary People's Armed Police and militia (see next section), may cooperate with the police under certain circumstances, but will do so after collective decisions are made by government, military, and party authorities.*

Ou seja, para o âmbito do governo central, acabando por se perder dentro do PCCh (STRATFOR, 2010, p. 8).

Destaca-se então a combinação e, por vezes sobreposição, de funções dos dois Ministérios (MSE e MSP) dentro da estrutura atual da República Popular da China. Ainda que mais antigo, o MSP parece ter perdido parte das suas funções para o MSE, o que é correspondente com as necessidades de uma China em ascensão e com preocupações globais. A próxima seção deixará mais claro como a atuação chinesa no campo internacional aumentou com o fim da Guerra Fria e ofereceu novos desafios para os serviços de inteligência, principalmente no âmbito militar e cibernético.

### 3.1.2 A China pós-Guerra Fria: o governo de Jiang Zemin

O fim da década de 1980 trouxe diversas alterações para o sistema internacional, com o fim da URSS. Na China, os protestos na Praça da Paz Celestial (ou Praça Tiananmen) entre abril e junho de 1989 marcaram uma movimentação política importante – além da saída do “herdeiro” de Deng, Zhao Ziyang, do PCCh. Surgiu a partir desse momento um pensamento crítico contra o neoliberalismo entre os intelectuais chineses, mas também sobre certas atitudes do próprio Partido, como nos moldes do período após a Revolução Cultural. Iniciou-se aqui um novo movimento de nacionalismo chinês (FEWSMITH, 2008, p. 5-7).

A grande questão que se colocava nesse início de 1990 era como recuperar a economia, que vinha com baixo crescimento. O governo de Jiang Zemin, que à época foi considerado como temporário por muitos analistas, durou de 1993 até 2003 e teve como um dos resultados, em termos econômicos e sociais, o aumento da renda per capita em aproximadamente cinco vezes entre 1989 e 2006 (FEWSMITH, 2008, p. 1-2).

Segundo Aldrich e Kasuku (2012, p. 1021), a partir desse período é que a espionagem chinesa focará muito mais no avanço tecnológico e econômico do país. Além disso, também segundo os autores a China investe mais em contra inteligência, aproveitando a negligência dos EUA nessa área. Ademais, em 1991, com a Guerra do Golfo, os militares chineses perceberam a importância da tecnologia no uso dos armamentos de precisão estadunidenses<sup>69</sup> (BLASKO,

---

<sup>69</sup> Sobre esse tema recomendamos o livro *Chinese Lessons from Other People's War* de Scobell, Lai e Kamphausen (ed.), publicado em 2011 pelo Strategic Studies Institute da US Army War College. O artigo referente as duas Guerras do Golfo (1990-1991 e 2003) é de autoria de Dean Cheng. Segundo ele, a vitória rápida dos EUA, impressionou os chineses, que perceberam o papel da Força Aérea, na coleta de informação e consciência de situação no teatro de guerra.



2006; INKSTER, 2013). É o início do processo de modernização das Forças Armadas chinesas, que será discutido na seção seguinte.

O governo Jiang Zemin, em 1998, obrigou a renúncia de órgãos governamentais a terem empresas, tais como o tinham o ELP e o próprio MSE, com o objetivo de reduzir a corrupção. Em novembro de 1998, o MSE encerrou 112 empresas suas e as que permaneceram já estavam regularizadas em 1999. Os membros do Partido no MSE concordaram com as diretrizes dadas por Jiang Zemin sob a ideia de que melhoraria a imagem do aparato de segurança frente ao público. Uma investigação aprofundada dos bens e registros de pessoal ocorreu logo em seguida (CHASE; MULVENON, 2010, p. 481-483). Segundo os autores, o que se destaca desse processo é que o relatório final não inclui a localização ou o tipo de empresa que permaneceu sob o comando do MSE. A não divulgação das mesmas pode ser tanto pela sua importância para a coleta de informações quanto pela sua rentabilidade. Além disso, para se referir às críticas de lideranças preocupadas que houvesse vazamento de informação ou exposição de operações durante a renúncia, elaborou uma guia oficial para os funcionários do MSE – que incluía o monitoramento de empregados das companhias privadas, que poderiam ser contatados por serviços de inteligência de outros países (CHASE; MULVENON, 2010, p. 491-492).

O nacionalismo chinês foi fortalecido após Tiananmen e aumentou em 1999, quando os Estados Unidos bombardearam a Embaixada da China em Belgrado, na Sérvia, durante a Guerra do Kosovo<sup>70</sup>. Ainda que não confirmado por fontes oficiais, há uma discussão corroborada por certos especialistas (LEE, 2011), após o lançamento do J-20, o caça *stealth* chinês. Com base em relatos jornalísticos (The Guardian, Associated Press, BBC), Lee aponta que o bombardeio em maio de 1999 não teria sido acidental. O motivo do ataque teria sido a descoberta, por parte dos EUA, da aquisição chinesa de destroços de um F-117A (derrubado em março pelos sérvios). Em 2001, o governo russo admitiu ter comprado partes do F-117A. A teoria de Lee (e de um militar sérvios que ele menciona) é de que o programa do J-20 viria da tecnologia adquirida do F-117A, através de engenharia reversa<sup>71</sup>. O governo da China nega que esse teria sido o caso. O relato deve ser levado com um senso crítico, ainda mais pelo próprio estado do avião após ter sido derrubado.

---

<sup>70</sup> Em 1999, a OTAN estava realizando bombardeios na Iugoslávia e cinco bombas guiadas acertaram a Embaixada da China, resultando em três mortes e vinte feridos. A situação causou alguns desafetos na relação entre EUA e China, levando o presidente Bill Clinton a se desculpar ao povo chinês.

<sup>71</sup> O termo “engenharia reversa” é utilizado para descrever a atividade de desmontar equipamentos e máquinas para descobrir o seu funcionamento e analisar os seus componentes. No âmbito militar, pode ser utilizado para adquirir uma tecnologia ou criar uma resposta à altura daquele sistema existente.

Em 2002, cria-se o Ministério do Comércio, que passa a trabalhar em cooperação com o MSE. Segundo Blancke (2013, p. 2), “O Ministério do Comércio compromete-se à avaliação no domínio de proliferação [de tecnologias], e emprega uma rede global de empresas de fachada e pessoas confiáveis dentro de empresas ‘legais’” e conforme publicação japonesa sobre o assunto, os dois ministérios estariam bastante engajados na garantia de recursos na África, em cooperação também com o ELP.

Assim, vemos que o início da década de 1990 apresenta novos desafios para uma China aberta e que a aquisição de tecnologia para fins de progresso econômico se torna uma das prioridades da RPC. Todavia, isso não implica em dizer que os serviços de inteligência governamentais atuam com espionagem industrial. Por isso, aprofundamos o tema a seguir, falando sobre a aquisição de tecnologia para uso pelo ELP e o papel da inteligência militar na ascensão chinesa.

### **3.2 A modernização militar chinesa e seus reflexos para o sistema nacional de inteligência**

O interesse da China em modernizar-se militarmente está vinculado ao seu papel como potência regional e, cada vez mais, como grande potência à medida que avançou como a segunda maior economia do mundo. Segundo Cordesman, Hess e Yarosh (2013, p. 20-21), desde 2003 tem aumentado a sua atuação na política internacional e participação em órgãos multilaterais. Assim, com a combinação de PIB alto, com uma população grande e taxas altas de crescimento, a China possui as ferramentas necessárias para a modernização das Forças Armadas e isso tem se refletido nos gastos militares (CORDESMAN; HESS; YAROSH, 2013).

Segundo o governo chinês (PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, 2009), a “revolução dos assuntos militares”<sup>72</sup> teria sido adaptada para possuir “características chinesas”, desde a década de 1990. Todavia, a movimentação para um novo modelo de Forças Armadas já vinha desde 1970, reduzindo o número de soldados, tornando o corpo mais “modernizado e regularizado”. Em 1985, o ELP fez um esforço de reorganização das forças para torna-las modernizadas e mecanizadas (WANG, 2011, p. 132).

O governo Hu Jintao (2003-2013) ainda assim deu ênfase no discurso de desenvolvimento pacífico do país. Em 2004, Hu Jintao profere um discurso enfatizando a necessidade do ELP de tornar-se uma “força internacionalizada” e a partir de então surge um

---

<sup>72</sup> A Revolution in Military Affairs (RMA), traduzida como Revolução de Assuntos Militares, é um conceito que trata de como a guerra será travada no futuro, vinculada ao desenvolvimento tecnológico e organizacional das Forças Armadas. Normalmente se utiliza o termo para se referir às Forças Armadas dos EUA.

maior esforço de participação chinesa em MOOTW<sup>73</sup>, como operações de paz e antipirataria no Golfo da Aden, por exemplo (KAMPHAUSEN, 2013, p. 1).

O Ministério de Segurança do Estado recebeu em 2007 o seu primeiro ministro com experiência em relações internacionais, Geng Huichang, cargo que exerce até o presente momento. Até então, os ministros do MSE eram especializados em segurança doméstica. Logo em seguida, em 2008, o governo chinês lança um livro branco, enfatizando o papel da paz, desenvolvimento e cooperação (CHINA, 2009). É lançado nesse mesmo documento uma política para justificar a modernização militar sob o título de “conceito científico de desenvolvimento” – onde a defesa nacional precisa acompanhar o crescimento econômico. Assim, a China

Impulsionada pelos preparativos para a luta militar, acelerou o desenvolvimento de armamento e equipamento, intensificou o desenvolvimento das armas e serviços das forças armadas, bem como forças para operações móveis de emergência, otimizou seu sistema e estrutura, e reduziu o número de pessoal para 700.000. Como resultado, sua capacidade de operações defensivas aumentou notavelmente. (PEOPLE’S REPUBLIC OF CHINA, 2005, tradução nossa)<sup>74</sup>

Destaca-se ainda que em 2010 foi lançada uma lei para a manutenção de segredos de Estado, a “2010 PRC Protection of State Secrets Law”, que acompanha uma lei de 1996. Ambas as leis referentes à proteção de arquivos referentes à segurança nacional ou questões sensíveis segundo a visão do PCCH. Como coloca Chambers (2012, p. 42), tais legislações não são prerrogativa chinesa e estão presentes em diversos países ocidentais.

O rápido avanço dos esforços de modernização é mais perceptível nos últimos anos, principalmente após o anúncio do “retorno americano ao Pacífico” em 2012 e após o 18º Congresso Nacional do Partido Comunista da China, em novembro do mesmo ano (PANETTA, 2012<sup>75</sup> apud CORDESMAN; HESS; YAROSH, 2013, p. 3-5 e p.15). O grande avanço econômico da China nos últimos 30 anos permitiu a aquisição e desenvolvimento de

---

<sup>73</sup> MOOTW ou military operations other than war, que se refere a operações militares que não dizem respeito a guerra, tais como operações de paz, organização de grandes eventos, auxílio em desastres, dentre outros. O paper de Kamphausen é bastante útil para compreender o engajamento do ELP durante o governo Hu Jintao em MOOTW e o papel que elas têm no fortalecimento de capacidades militares em exércitos que não participam de conflitos. A participação da China em MOOTW é também um dos argumentos, segundo o autor, contra a linha de pensamento de que a modernização das Forças Armadas chinesas tem foco ofensivo.

<sup>74</sup> No inglês: *Driven by preparations for military struggle, it accelerated the development of weaponry and equipment, stepped up the development of the arms and services of the armed forces, as well as forces for emergency mobile operations, optimized its system and structure, and reduced the number of personnel by 700,000. As a result, its capability of defensive operations increased remarkably.*

<sup>75</sup> US Secretary of Defense Leon Panetta. Speech given at the Shangri-La Hotel, Singapore. June 2, 2012. <http://www.defense.gov/speeches/speech.aspx?speechid=1681>

equipamentos bastante complexos. Já a algum tempo há um temor na mídia estadunidense e de certos setores conservadores de que a China estivesse roubando segredos industriais dos EUA,

Informação relacionada à alta tecnologia não é, de maneira alguma, o único objetivo do aparato de inteligência da China. Todavia, é de interesse particular de Pequim para o desenvolvimento da indústria civil e militar da China. Oficiais de alto escalão de segurança dos EUA concordaram publicamente que a China é ‘a potência estrangeira mais ativa no engajamento de aquisição ilegal de tecnologia americana’.<sup>76</sup> (OVEREND, 1988<sup>77</sup> apud EFTIMIADES, 1992, p. 2, tradução nossa)

Segundo Cordesman, Hess e Yarosh (2013, p. 49), boa parte da alta tecnologia que a China desenvolveu nos últimos anos teria sido adquirida com a aquisição de empresas estrangeiras. Diversos relatórios publicados pela NCIX (*U.S. National Counter Intelligence Executive*), desde 1998, tem apontado a China como um dos principais países engajados em espionagem industrial feita em empresas estadunidenses e ocasionalmente envolvendo militares, ainda que com poucos detalhes ou provas (AUSTIN, 2015, p. 9-10).

O relatório Cox (1999) é um excelente exemplo de desmistificação das atividades de espionagem industrial da RPC. O caso, descoberto em 1995, se referia ao roubo de informações pela China de armas termonucleares dos EUA, durante a Guerra Fria, e posterior criação dos mísseis balísticos intercontinentais chineses. Ainda que o governo chinês tenha negado veementemente a aquisição dessa inteligência, a seguinte observação encontrada no relatório é válida:

Aqueles não familiarizados com as práticas de inteligência chinesas muitas vezes concluem que, porque os serviços de inteligência realizam operações clandestinas, que todas as operações clandestinas são dirigidas por agências de inteligência. No caso da [China], isso nem sempre é a regra. (COX, 1999, p. 52-53, tradução nossa)<sup>78</sup>.

Esse tipo de conclusão visto na literatura analisada (BLANCKE, 2013; STRATFOR, 2010; WISE, 2011) corresponde com a visão de coleta por “grãos de areia”, e conforme afirma Mattis, os EUA iniciaram processos de espionagem industrial em números altos contra a China, tendo conseguido comprovar apenas uma baixa porcentagem (2011, p. 14).

<sup>76</sup> No original: *Information related to high technology is by no means the only objective of China’s intelligence apparatus. However, it is of particular importance to Beijing for the development of China’s civilian and military industries. Senior U.S. law enforcements officials have agreed publicly that China is ‘the most active foreign power engaged in the illegal acquisition of American technology.’*

<sup>77</sup> William Overend, “China Seen Using Close U.S. Ties for Espionage”, *Los Angeles Times*, November 20, 1988, part. 1, p. 34.

<sup>78</sup> No original: [...] *those unfamiliar with Chinese intelligence practices often conclude that, because intelligence services conduct clandestine operations, all clandestine operations are directed by intelligence agencies. In the case of [China], this is not always the rule.*

A seguir, iremos tratar das mudanças na inteligência na área militar. O universo da inteligência militar na China é bastante amplo e daria, por si só, um capítulo inteiro deste trabalho. Todavia, o foco não é esse e optou-se por realizar uma subseção de modo a cobrir aspectos básicos e essenciais dessa área para o escopo geral do trabalho. O principal objetivo aqui é discutir a modernização militar e a principal frente de ameaça mostrada na mídia dos EUA: a espionagem cibernética.

### 3.2.1 A inteligência militar na era da reforma e a cibersegurança

A modernização militar está ao lado da coleta, do processamento e da difusão de informações recebidas pelo Exército de Libertação Popular. Ela também se vincula aos Ministérios, principalmente o MSP, o MSE e a CMC. Segundo Cordesman, Hess e Yarosh (2013, p. 59), a crescente preocupação com questões ciber foi reforçada pela doutrina das últimas duas décadas do ELP de “Rede Integrada de Guerra Eletrônica”<sup>79</sup>, que enfatiza a guerra de informação e o bloqueio das capacidades de C4ISR<sup>80</sup> de outros países. O ELP4, ou Quarto Departamento, é o Departamento de Guerra Eletrônica e viria a ser criado apenas em 1990. Embora não seja oficialmente um departamento de coleta de inteligência, teria aumentado a sua atividade em contra inteligência nos últimos anos (GUO, 2012, p. 369-372).

Nos últimos anos, tem-se visto uma ascensão da preocupação estadunidense com as capacidades ciber da China, principalmente no que diz respeito à espionagem industrial com foco em tecnologias de uso dual civil-militar (CORDESMAN; HESS; YAROSH, 2013; INKSTER, 2013; KREKEL; ADAMS; BAKOS, 2012; LEE, 2013; RAWNSLEY, 2005). O Departamento de Estado dos Estados Unidos publicou um relatório em 2011, estimando que o país perde bilhões de dólares em propriedade intelectual que é roubada pelos chineses e que 90% da ciber espionagem que é feita no país é pela RPC (CORDESMAN, HESS; YAROSH, 2013, p. 60). Encontra-se em boa parte da literatura a suposição – apenas ocasionalmente com provas – de que a engenharia reversa praticada pela indústria armamentista chinesa venha de espionagem em outros países (FALIGOT, 2010; WISE, 2011).

Em 2008, o Conselho de Estado criou a Administração Pública de Ciência, Tecnologia e Indústria para Defesa Nacional (no inglês, SASTIND<sup>81</sup>), que foi colocada sob controle do Ministério de Indústria e Tecnologia da Informação. O objetivo da SASTIND é organizar os

<sup>79</sup> No original: *Integrated Network Electronic Warfare*.

<sup>80</sup> Comando, Controle, Comunicações, Computadores, Inteligência, Vigilância (*Surveillance*) e Reconhecimento.

<sup>81</sup> *State Administration for Science, Technology and Industry for National Defense*.

principais projetos de defesa do país e da indústria de defesa, tendo parcerias importantes com agências regulatórias. Além disso, tem sido um dos maiores espaços de integração entre civis e militares (FRANCIS; PUSKA, 2010). Segundo Blancke (2013, p. 9), a SASTIND possui setores de inteligência próprios, com vínculos com diversos *think-tanks*.

Foi ainda no governo Hu Jintao que China e EUA concordaram em estabelecer uma agenda conjunta sobre temas cibernéticos (AUSTIN, 2015, p. 1).

Esta espionagem com base em computador é especialmente interessante porque muito do que parece ser realizado por redes de hackers privados em nome de, ou ao lado, ministérios do governo. A capacidade de espionagem chinesa de usar corsários e de absorver o produto perfeitamente em seu próprio processo industrial reflete aspectos da economia nacional da China, com a sua mistura de livre-mercado e corporativismo estatal. (ROHOZINSKI, 2009<sup>82</sup> apud ALDRICH; KASUKU, 2012, p. 1020, tradução nossa<sup>83</sup>).

Além disso, os EUA não teriam problemas morais com a espionagem chinesa para fins de segurança nacional (mesmo porque os EUA estiveram envolvidos recentemente em diversos casos de espionagem de países aliados, como na Alemanha e Brasil). O problema dos EUA com a espionagem chinesa seria a com fins industriais, para beneficiar empresas da China (AUSTIN, 2015). Austin também coloca como a pesquisa em coleta de inteligência de modo científico e tecnológico é uma das bases do comportamento dos Estados Unidos, segundo documentos oficiais, bem como avançar o suficiente para não permitir que outros países sejam ameaças.

Segundo Aldrich e Kasuku (2012, p. 1021), a China tem reforçado a impenetrabilidade dos seus sistemas cibernéticos. Segundo Blancke (2013, p. 5), o foco futuro da RPC tende a continuar sendo o mesmo: capacidades ciber e aquisição de tecnologia. Todavia, ainda é impossível ter estimativas concretas, visto que o orçamento de inteligência chinês é um mistério (STRATFOR, 2010, p. 12). De 2007 até o presente, houve algumas mudanças em discursos e desde a eleição de Xi Jinping, conforme já dito, as relações de poder dentro do Politburo parecem mais disputadas (BLANCKE, 2013, p. 5).

Em adição a isso, o Ministério do Comércio chinês parece também possuir suas próprias células de inteligência junto ao MSE, num esforço para garantir recursos minerais na África

<sup>82</sup> Rafal A. Rohozinski (SecDev), in '2009 Report to Congress of the US–China Economic and Security Review Commission', 111th Congress, First Session, Nov. 2009, pp. 177–8, <[http://www.uscc.gov/annual\\_report/2009/annual\\_report\\_full\\_09.pdf](http://www.uscc.gov/annual_report/2009/annual_report_full_09.pdf)>, accessed 19 July 2012.

<sup>83</sup> No original: *This computer-based espionage is especially interesting because much of it appears to be carried out by networks of private hackers on behalf of, or alongside, government ministries. The ability of Chinese espionage to use privateers and to absorb the product seamlessly into its own industrial process reflects China's national economic complexion, with its mixture of free-market and state corporatism.*

(BLANCKE, 2013, p. 2-3). O Departamento de Inteligência Militar do ELP possui uma subdivisão para compra e venda de armas de países embargados, assim como uma subdivisão de ciber espionagem (STRATFOR, 2010, p. 10).

### 3.3 O governo Xi Jinping e a China global: possíveis alterações no aparato de inteligência?

A eleição de Xi Jinping, em 2012, veio junto a uma série de mudanças importantes no continente asiático. A escala das disputas territoriais no Mar do Sul – nas ilhas Diaoyu/Senkaku – e no Mar do Leste da China – principalmente no âmbito da ASEAN – juntou-se a um Japão mais nacionalista (sob o governo de Shinzo Abe) e o retorno estadunidense ao Pacífico para garantia dos seus interesses na região, como anunciado em 2012, no discurso de Obama (MARTINS et al, 2014). Assim, a postura de Xi Jinping e do governo chinês têm sido firmes na busca por um fortalecimento da influência regional e de participação na economia mundial.

Segundo Crosston (2015, p. 120), a preocupação com a segurança energética daria o potencial de conflitos ligados à exploração de gás e petróleo no Mar do Sul e do Leste de se tornarem o principal campo de operações de inteligência da RPC. A situação no Mar do Sul da China, de disputa territorial desta com outros cinco países<sup>84</sup>, parece ser uma boa oportunidade para fortalecer as cadeias de comunicação de inteligência das Forças Armadas. O presidente parece ter percebido isso:

De fato, desde que se tornou líder da China no final de 2012, Xi tem repetidamente enfatizado a importância do ELP permanecer leal ao PCCh acima de tudo. Segundo relatos há alguns oficiais militares que acreditam que o ELP deveria tornar-se apolítico e se dissociar do PCCh para tornar-se totalmente efetivo no combate, se tornando assim – como a maioria dos exércitos ao redor do mundo – um exército que serve ao país. Todavia, tal cenário parece bastante improvável no que diz respeito ao atual sistema política chinês.<sup>85</sup> (tradução nossa)

Segundo Blancke (2013, p. 5), a entrada do novo governo também implicou em algumas mudanças para reduzir os caminhos burocráticos da inteligência adquirida: o cargo da Comissão Permanente do Politburo responsável por inspecionar a segurança doméstica foi extinto. Além

<sup>84</sup> Malásia, Vietnã, Taiwan, Brunei e Filipinas.

<sup>85</sup> Fonte: JANE's Sentinel Security Assessment. **China and Northeast Asia.** Jane's Sentinel Security Assessment. Abr. 2015. No original: *Indeed, since becoming the leader of China in late 2012, Xi has repeatedly stressed the importance of the PLA remaining loyal to the CPC [Communist Party of China] above all else. There have been reports that some military officers believe the PLA should become apolitical and dissociate itself from the CPC in order to become truly combat effective, thus becoming - like most armies in the world – an army that serves the country. However, such a scenario remains utterly unlikely with respect to China under its current political system.*

disso, financiamento e criação de escolas com foco em estudos de inteligência têm proliferado dentro da China.

Outra atitude de Xi Jinping tem sido a organização de uma campanha anticorrupção dentro do PCCh para retirar membros, pequenos e grandes, que estejam prejudicando o aparato institucional chinês. O membro mais antigo do Politburo que foi retirado e preso foi Zhou Yongkang, que foi Ministro da Segurança Pública entre 2002 e 2007. A prisão de Zhou – e a investigação de diversos funcionários ligados a ele – foi considerada por diversos analistas como uma sinalização do controle centralizado planejado por Xi (NO ORDINARY..., 2014). Ainda que possa ser apenas uma campanha para reformar as instituições frente a uma desaceleração econômica, é digno de nota mencionar o caso aqui, visto que pode auxiliar a corroborar a hipótese de trabalho. Em janeiro de 2015, Ma Jian, vice-ministro do MSE entre 2006 e 2015 e principal responsável pelas atividades de contraespionagem, também foi preso por acusações de corrupção (WONG, 2015).

Em meio a esse cenário, os últimos anos têm visto um aumento da publicidade de casos de espionagem cometida pela China em países ocidentais (BLANCKE, 2013). Todavia, poucos têm sido comprovados ou levados à justiça, com exceções. Por sua vez, Mattis (2011, p. 51) afirma que os casos de operações clandestinas chinesas no exterior são baixos – ainda mais se comparadas às atividades dos EUA – e até o momento do seu trabalho apenas três haviam sido expostas (1987, 2009 e 2011). Em 2013, os EUA lançaram um documento intitulado *Whitehouse Strategy for Mitigating Theft of Trade Secrets*, citando sete casos que envolviam cidadãos chineses. Todavia, os dados de prejuízo causado ou o envolvimento com o governo chinês não são explicados ou comprovados<sup>86</sup> (AUSTIN, 2015, p. 13). No ano de 2014, cinco oficiais do ELP foram acusados de adquirir informação e tecnologia da indústria de energia para beneficiar empresas da China, principalmente através de ciber ataques. Como tal inteligência foi adquirida de militares e agentes dos EUA, tornou-se mais difícil encaixar o caso em espionagem industrial, como o governo estadunidense pretende (AUSTIN, 2015).

Em maio de 2015, seis cidadãos da RPC foram indiciados por espionagem industrial nos EUA, para “beneficiar o governo” chinês, inclusive professores universitários da China (AUSTIN, 2015, p. 3). Mais curiosa tem sido a resposta de Obama, que enfatizou o possível uso de sanções econômicas contra o governo chinês, demonstrando uma preocupação grande com o tema. Ainda que questionável se a ciber segurança realmente é a principal ameaça que os EUA enxergam vinda da China, ela tem sido claramente a válvula de escape para os

---

<sup>86</sup> O mesmo documento afirma que apesar de tais hacks serem feitos por chineses não vinculados ao governo, que existiria um “ambiente favorável” e leniente para esse tipo de atividade se perpetuar.



críticas advindas do governo e de oficiais estadunidenses sobre a postura da China em negociações.

### 3.3.1 Os novos atores da política externa chinesa

A política externa chinesa recente e os atores envolvidos nela são objetos de análise de diversos sinólogos e não ainda totalmente compreendida (SHAMBAUGH, 2013, p. 49). Devido à nova busca por uma participação forte no sistema internacional, acreditamos que é importante analisar os atores que fazem parte dessa elaboração de políticas e onde o aparato de segurança e inteligência se encaixa nesse contexto, o que segue nesta seção.

Em *China Goes Global*, David Shambaugh apresenta a ideia de que a política externa chinesa é organizada em cinco círculos concêntricos – os dois primeiros tomando as decisões e os três últimos as influenciando: o círculo menor, composto pelas autoridades de mais alto nível; o círculo de ministérios, principalmente o MRE, e do Comitê Central; o terceiro com as agências de inteligência, universidades e *think-tanks*; o quarto com as representações locais, províncias e corporações; e o quinto seria a sociedade, que se manifesta através da mídia e internet (SHAMBAUGH, 2013, p. 50).

Sendo assim, o item terceiro corrobora-se o que Jakobson e Knox (2010, p. 12) descobriram ao conduzir entrevistas com funcionários do EPL, o MSE foi indicado como um dos principais órgãos que manifesta sua influência nas decisões de política externa, principalmente após o orçamento ter aumentado com as Olimpíadas de Pequim (2008). Segundo a autora e o autor, esse fortalecimento de outros órgãos governamentais na projeção da política externa criaria algumas disputas com o MRE. Ademais, boa parte dos entrevistados afirma que o MRE teve seu poder reduzido nos últimos anos. Isso teria se dado pela própria expansão das atividades internacionais da China e do aumento de órgãos e escritórios capacitados para lidar com questões de política externa. Ao mesmo tempo, também seria pela redução da participação do MRE dentro do PCCh (JAKOBSON; KNOX, 2010, p. 8). Todavia, segundo a mesma fonte (2010, p. 16), o ELP reteve informações da liderança do PCCh durante a aterrissagem de emergência de um avião dos EUA na ilha chinesa de Hainan, de modo a pressionar por uma postura mais firme. Isso pode indicar que disputas por influência na política externa entre o MRE e o ELP.

Do mesmo modo, o ELP também possui uma importante participação na elaboração da política externa da China após a reforma. Ainda que não faça parte do Comitê Permanente desde 1997, a ELP possui jurisdição sobre temas como “armas estratégicas, disputas territoriais e

segurança nacional em relação a países como Índia, Japão, Coreia do Norte, Paquistão, Rússia e os EUA”, além de lidar com Taiwan (JAKOBSON; KNOX, 2010, p. 13).

Ainda segundo Jakobson e Knox, mesmo que a participação do ELP na política externa chinesa não seja novidade, desde a modernização militar e o início de uma maior cooperação com civis, as conexões da ELP com outras Forças Armadas têm sido uma importante ferramenta do governo. O fato do presidente chinês ser também chefe da Comissão Militar Central desde Jiang Zemin leva também à conclusão de que existe importância na atuação do ELP na política externa, tanto quanto do MSE.

A evolução da participação chinesa no sistema internacional, como grande potência econômica desde a década de 1970 tem reflexos no aparato de inteligência do país. À medida que verificamos a busca por novas parcerias globais e modernização das Forças Armadas, a institucionalização é um processo intrínseco. Como diz Blancke (2013, p. 8, tradução nossa)<sup>87</sup>:

Obrigações internacionais e normas legais vão desafiar as práticas habituais, enquanto o uso de empresas de fachada, a tolerância das operações norte-coreanas, e o crescimento do mercado de empresas privadas de segurança chinesas irão tornar mudanças administrativas dentro da burocracia da inteligência chinesa inevitáveis.”

Assim, a China enfrenta nesse novo período de sua existência, uma nova série de desafios de ordem interna, bem como da própria burocracia e funcionamento das instituições, que podem dificultar a ascensão do país a nível global (CROSSTON, 2015; SHAMBAUGH, 2013). Há um consenso sobre a ambição de tornar-se um *global player*. Para tanto, parece que o caminho escolhido por Xi Jinping e a nova liderança do PCCh é a de reformar alguns antigos vícios do Partido e comportamentos que atrasam o desenvolvimento. Portanto, o governo deve utilizar o aparato de inteligência não apenas como ferramenta, mas também considerar como adaptá-lo e quais as necessidades de inteligência que o governo precisa para alcançar os seus objetivos. Aponta-se também para o fato que a institucionalização vista nesse capítulo aponta para a teoria de Mattis ser comprovada – de que a coleta por “grãos” não se sustenta, visto o esforço de profissionalização do aparato.

---

<sup>87</sup> No original: *International obligations and legal norms will challenge habitual practices, while the use of front companies, the toleration of North Korean operations, and the growing market in private Chinese security firms will render administrative changes within the Chinese intelligence bureaucracy unavoidable.*

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é preciso ressaltar que a dificuldade de estudar a China com materiais em inglês acompanha sempre uma leitura muito crítica. Em segundo lugar, quando se estuda inteligência, encontram-se diversas dificuldades em obter informações confiáveis – principalmente ao se utilizar material produzido nos Estados Unidos ou Europa acerca da China. Para uma futura agenda de pesquisa, enfatizamos que o conhecimento do mandarim seria essencial para se aprofundar o tema com fontes internas.

Aqui, antes de avaliarmos as conclusões acerca da hipótese, devemos ressaltar a pesquisa de Peter Mattis e as críticas acerca da teoria vigente entre estudiosos de inteligência: da coleta em “grãos de areia” ou mosaico. Ainda que seja a única fonte encontrada que busca argumentar contra, Mattis levantou importantes análises no seu trabalho de 2011. Para além disso, vai-se, no presente trabalho, ao encontro das conclusões do autor. A necessidade de diferenciar-se dos chineses transformou a teoria estadunidense em algo beirando à paranoia e desconfiança com qualquer cidadão chinês. A diferenciação entre o modo de coletar inteligência que estudiosos dos EUA pregam é quase caricato. Ademais, a subestimação da capacidade profissional da inteligência chinesa parece ser um erro, que inclusive pode estar prejudicando a análise do que seria a “ameaça chinesa”.

Aponta-se que o fio condutor do aparato de inteligência parece estar vinculado ao objetivo estratégico da China em determinado período histórico. Como visto no capítulo um, a ideia de um aparato de inteligência surgiu da surpresa e da falha em perceber um ataque organizado pelo GMD. Ainda aqui, o aparato estava totalmente vinculado ao PCCh: a RPC não existia e o *Teke* era uma importante ferramenta nesse período. A utilização de *SIGINT* e de *HUMINT* durante a guerra civil e a Longa Marcha foram trunfos dos comunistas, mas longe de serem o motivo principal para a sua vitória.

Com a República Popular da China o objetivo estratégico foi o de consolidação da nova nação e dos objetivos que vieram da Revolução Comunista. A institucionalização naturalmente se seguiu à criação da RPC, ainda que tenha sido um período conturbado, com mudanças frequentes. As disputas por poder, principalmente entre Mao Zedong e Zhou Enlai foram uma característica do período, mas também entre Mao e outras facções do PCCh. Um conturbado período interno, com o Grande Salto para a Frente e a Revolução Cultural, foi também um de fortalecimento do aparato de segurança e inteligência para a manutenção de poder da liderança do Partido. Nesse período a hipótese pode ser corroborada de maneira mais clara e é possível

enxergar as disputas de poder alimentando o aparato e ao mesmo tempo crescendo por conta da necessidade de consolidação do controle de Mao Zedong.

No segundo capítulo, vemos uma alteração no objetivo estratégico: a busca do governo por uma China global. A proposta das modernizações de Deng Xiaoping se refletiu também no aparato de inteligência e a partir da abertura na década de 1980, a China se viu erguida à potência em nível mundial, com o objetivo – e a necessidade – de modernizar também as suas Forças Armadas. O trabalho da inteligência vem aqui para agregar informações de modo a auxiliar na competição internacional (MATTIS, 2011).

Alguns dos desafios que surgem após a era da reforma dizem respeito a organizar a burocracia de modo mais eficiente e dinâmico. Além disso, questões internas, como a distribuição de renda, a diferença entre a população rural e urbana e as ameaças separatistas são fatores que afetam a ascensão chinesa (SHAMBAUGH, 2013). O esforço de modernização militar também tem sido um dos principais fatores de tensão com alguns países vizinhos e com os EUA, mas também é um dos principais espaços de cooperação internacional da RPC, e possivelmente também no âmbito de compartilhamento de inteligência com seus aliados.

Assim, ainda parece que a cooperação civil-militar e, principalmente, entre o MSE e o ELP precisa avançar no âmbito de compartilhamento de inteligência. Não foram encontrados materiais que corroborem a ideia de que existe um fluxo saudável e frequente entre ambas as organizações e é possível que objetivos de cada colidam ocasionalmente. Isso pode se mostrar ainda mais sensível em relação à Marinha chinesa e ao envolvimento nas disputas territoriais. O compartilhamento de inteligência entre as agências é importante para evitar maiores confrontos, principalmente no Mar do Leste da China, com o Japão.

Conforme Mattis coloca (2011, p. 1), a ascensão da China como grande potência global exige conhecimento antecipado de situações que possam tornar-se ameaças. Como com qualquer nação: “uma China bem informada é uma China mais racional – ou, pelo menos, uma China mais cautelosa”. Simultaneamente, os últimos 30 anos têm demonstrado uma crescente participação de diversos atores na elaboração da política externa e também, ao que tudo indica, acompanhado de descentralização do poder do PCCh (JAKOBSON; KNOX, 2010, p. 47).

Portanto, retomamos a hipótese apresentada na introdução: o Sistema Nacional de Inteligência chinês nasce das disputas internas do Partido Comunista e tem servido como ferramenta de poder das lideranças. Tendo isso em mente, após o levantamento e a revisão bibliográfica feitos para o segundo capítulo, acreditamos que a hipótese não pode ser comprovada em todo o período, pois após a reforma de Deng Xiaoping não é mais verificável que as mudanças no aparato eram resultado de disputas da liderança. Ainda que haja uma

indicação desde o início do governo Xi Jinping, o mesmo não pode ser dito sobre os governos anteriores do pós-Guerra Fria. Por mais que indicativos existam, a literatura acessível recente é escassa e não oferece muitos esclarecimentos.

Ainda assim, podemos verificar que a RPC tem direcionado esforços para uma institucionalização do aparato de inteligência e segurança de modo a reduzir certos problemas do PCCh dos anos iniciais – como as divisões internas das facções afetando e remanejando o aparato, ou o controle único sob uma figura apenas. Pelo que podemos perceber, isso vem de uma percepção das novas lideranças sobre a necessidade de reformas constantes, enfatizando a campanha anticorrupção liderada por Xi Jinping e o sentimento nacionalista que tem sido chave nesse processo. As reformas institucionais parecem essenciais para a China evoluir e crescer, como é o objetivo do PCCh e da sua liderança (GUO, 2012).

A partir da literatura, podemos avaliar que tais reformas precisam abordar quatro desafios: a segurança não-tradicional; a diplomacia chinesa focando em questões em vez de países; o desenvolvimento sustentável e mercado interno; a boa governança e transparência refletidos no *soft power* chinês (CROSSTON, 2015, p. 120-121). Crosston (2015) propõe que a inteligência chinesa deverá partir desses pressupostos para organizar suas atividades nos próximos anos. Segundo Jakobson e Knox (2010, p. 49), há falta de informação sobre mudanças recentes no MSE enquanto ator na política externa, mas é certo que a sua importância se expandiu nos últimos anos, com as crescentes ameaças separatistas e a maior atuação internacional da República Popular da China.

Para uma futura agenda de pesquisa, acredita-se que aprofundar a análise das relações civis-militares no âmbito da inteligência e do aparato securitário como um todo poderia preencher lacunas do presente trabalho. Outro caminho a se seguir seriam o foco apenas na inteligência militar. Uma análise com um foco teórico em estudos de inteligência produzidos por chineses, a partir também das proposições de Mattis também seria de grande valia.

Por fim, é preciso considerar que o sistema nacional de inteligência da República Popular da China se encaixa num universo burocrático e de instituições bastante complexo e denso. É preciso produzir maior conteúdo acerca do funcionamento legislativo, executivo, securitário e judiciário da China, e deve ser realizado um esforço crítico sobre os materiais disponíveis. Nenhum país é simples de compreender, mas é um esforço necessário que a RPC tenha sua grande estratégia analisada e as suas ferramentas escrutinizadas. É aqui onde se encaixa o esforço do presente trabalho em entender uma das ferramentas essenciais da manutenção de poder do PCCh, o sistema nacional de inteligência chinesa. Ainda que muitas incertezas envolvam tal tema, espera-se que esse trabalho tenha auxiliado nesse processo.

## REFERÊNCIAS

AID, Matthew; RICHELSON, Jeffrey R. U.S Intelligence and China: Collection, Analysis and Covert Action. **Digital National Security Archives Series**, 2011. Disponível em: <<http://proquest.libguides.com/dnsa/china2>>. Acesso em: 15 out. 2015.

ALDRICH, Richard J.; KASUKU, John. Escaping from American Intelligence: Culture, Ethnocentrism and the Anglosphere. **International Affairs**, Oxford, v. 88, n. 5, p. 1009-1028, Sept. 2012.

AUSTIN, Greg. China's Cyberespionage: The National Security Distinction and U.S. Diplomacy. **The Diplomat Magazine**, Tóquio, 21 May 2015. Disponível em: <[http://thediplomat.com/wp-content/uploads/2015/05/thediplomat\\_2015-05-21\\_22-14-05.pdf](http://thediplomat.com/wp-content/uploads/2015/05/thediplomat_2015-05-21_22-14-05.pdf)>. Acesso em: 17 out. 2015.

BLANCKE, Stephen. **Chinese Whispers** – Chinese Intelligence Capabilities. Jane's Intelligence Review, vol. 25, n. 8, p. 30-33, Jul./Aug. 2013.

BLASKO, Dennis J. **The Chinese Army Today**: tradition and transformation for the 21<sup>st</sup> century. New York: Routledge, 2006.

BORN, Hans; WETZLING, Thorsten. Intelligence accountability: Challenges for parliaments and intelligence services. In: JOHNSON, Loch K. (Ed.). **Handbook of Intelligence Studies**. Nova York: Routledge, 2007. p. 315-328.

BRAZIL, Matthew J. **The Darkest Red Corner**: Chinese Communist Intelligence and its Place in the Party 1926-1949. Sydney: University of Sydney, 2012. 265 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of Government and International Relations, Business School, University of Sydney, Sydney, 2012.

BRAZIL, Matthew J. China. In: CARLISLE, Rodney (Ed.). **Encyclopedia of Intelligence and Counterintelligence**. London: Routledge, 2015. p. 125-135.

BRUNEAU, Thomas C. Controlling Intelligence in New Democracies. **International Journal of Intelligence and CounterIntelligence**, Stroudsburg, v. 14, n. 3, p. 323-341, Oct. 2001.

CEPIK, Marco. **Espionagem e Democracia**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

CEPIK, Marco; AMBROS, Christiano. Intelligence, Crisis and Democracy: Institutional Punctuations in Brazil, Colombia, South Africa and India. **Intelligence and National Security**, London, v. 29, n. 4, p. 523-551, jul. 2014.

CHAMBERS, David Ian. Edging in From the Cold: The Past and Present of Chinese Intelligence Historiography. **Studies in Intelligence**, College Park, v. 56, n. 3, p. 31-46, Sep. 2012.

CHAMBERS, David Ian. A “lantern in the dark night”: the Origins and Early Development of China's SIGINT Service. **Journal of Intelligence History**, London, v. 13, n. 2, p. 204-222, Mar. 2014.

CHASE, Michael S.; MULVENON, James C. The Decommmercialization of China's Ministry of State Security. **International Journal of Intelligence and CounterIntelligence**, Stroudsburg, v. 15, n. 4, p. 481-495, Nov. 2002.

CHEUNG, Tai Ming. The Influence of the Gun: China's Central Military Commission and Its Relationship with the Military, Party and State Decision-Making Systems. In: LAMPTON, David (Ed.). **The Making of Chinese Foreign and Security Policy in the Era of Reform, 1978-2000**. Stanford: Stanford University Press, 2012. p. 61-90.

CORDESMAN, Anthony H.; HESS, Ashley; YAROSH, Nicholas S. **Chinese Military Modernization and Force Development: a western perspective**. Washington D.C.: CSIS, 2013.

CORDESMAN, Anthony; COLLEY, Steven. **Chinese Strategy and Military Modernization: a comparative analysis**. Washington D.C.: CSIS, 2015.

COX, Christopher. **The Cox Report: The Unanimous and Bipartisan Report of the House Select Committee on U.S. National Security and Military Commercial Concerns with the People's Republic of China**. Washington D.C.: Regnery, 1999.

CROSTON, Matthew. Bringing Non-Western Cultures and Conditions into Comparative Intelligence Perspectives: India, Russia, and China. **International Journal of Intelligence and Counterintelligence**, Stroudsburg, v. 29, n° 1, p. 110-131, Nov. 2015.

DEACON, Richard. **The Chinese Secret Service**. London: Frederick Muller, 1974.

DUARTE, Bruno Kern. **O Sistema Político da China: Desafios para a Institucionalização**. Porto Alegre: UFRGS, 2014. 89 f. Trabalho de conclusão (graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

EASTON, Ian. **China's Evolving Reconnaissance-Strike Capabilities: Implications for the US-Japan Alliance**. Arlington: Project 2049 Institute, 2014. Disponível em: <[http://www.project2049.net/documents/Chinas\\_Evolving\\_Reconnaissance\\_Strike\\_Capabilities\\_Easton.pdf](http://www.project2049.net/documents/Chinas_Evolving_Reconnaissance_Strike_Capabilities_Easton.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

EFTIMIADIS, Nicholas. **China's Ministry of State Security: coming of age in the international arena**. Maryland: 1992. (Occasional Papers/Reprint Series in Contemporary Asia Studies, n. 2)

\_\_\_\_\_. **Chinese Intelligence Operations**. Anápolis: Naval Institute Press, 1994.

FALIGOT, Roger. **O Serviço Secreto Chinês**. São Paulo: Larousse, 2010.

FEAKIN, Tobias. Enter the Cyber Dragon: understanding Chinese intelligence agencies' cyber capabilities. **ASPI – Australia Strategic Policy Institute Special Report**, Barton, ed. 50, Jun. 2013.

FEWSMITH, Joseph. **China Since Tiananmen**. New York: Cambridge University Press, 2008.

FRANCIS, Ed; PUSKA, Susan M. Contemporary Chinese Defense Industry Reforms and Civil-Military Integration in Three Key Organizations. **Policy Brief**, Los Angeles, n° 5, 2010.

GUO, Xuezhi. **China's Security State: Philosophy, Evolution and Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

HENGJUN, Yang. Fixing China's Intelligence System. **The Diplomat**, Tokyo, 11 March 2015. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2015/03/fixing-chinas-intelligence-system/>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

HERMAN, Michael. **Intelligence Services in the Information Age**. London: FrankCass, 2001.

HUNTINGTON, Samuel. **Political Order in Changing Societies**. New Haven: Yale University Press, 1968.

INKSTER, Nigel. Chinese Intelligence in the Cyber Age. **Survival: Global Politics and Strategy**, London, v. 55, n° 1, p. 45-66, Jan. 2013.

JAKOBSON, Linda; KNOX, Dean. **New Foreign Policy Actors in China**. Estocolmo: SIPRI, 2010. Disponível em: <<http://books.sipri.org/files/PP/SIPRIIPP26.pdf>>.

JOHNSON, Loch. Sketches for a theory of strategic intelligence. In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTIAN, Mark. **Intelligence Theory: key questions and debates**. New York: Routledge, 2009. p. 33-53.

KAMPHAUSEN, Roy D. China's Military Operations Other Than War: the Military Legacy of Hu Jintao. In: SIPRI CONFERENCE, **THE HU JINTAO DECADE IN CHINA'S FOREIGN AND SECURITY POLICY (2002–12): ASSESSMENTS AND IMPLICATIONS**, 2013, Estocolmo. Estocolmo: SIPRI, 2013.

KARL, Rebecca E. **Mao Zedong and China the Twentieth-Century World: a concise history**. Durham: Duke University Press, 2010.

KISSINGER, Henry. **Sobre a China**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KREKEL, Bryan; ADAMS, Patton; BAKOS, George. **Occupying the Information High Ground: Chinese capabilities for computer network operations and cyber espionage**. [s.l.]: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2012. Disponível em: <<http://nsarchive.gwu.edu/NSAEBB/NSAEBB424/docs/Cyber-066.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

LEE, Peter. The Tearful Origins of China's Stealth. **Asia Times Online**. 29 January 2011. Disponível em: <<http://www.atimes.com/atimes/China/MA29Ad01.html>>. Acesso em: 20 Ago. 2015.

LOWENTHAL, Mark M. **Intelligence: From Secrets to Policy**. 4. ed. Washington, DC: CQ Press, 2009.



MARTINS, José Miguel; VISENTINI, Paulo Fagundes. A Revolução Chinesa: A China e a Coreia do Norte. In: VISENTINI, Paulo F. et al. (Org.). **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2013, cap. 3, p. 91-149.

MARTINS, José Miguel Q. et al. Nova Conjuntura da Ásia: da Comunidade do Leste Asiático à Competição Estratégica. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 5, nº 24, p. 4-16, Jun./Jul. 2014.

MATTIS, Peter. **Chinese Intelligence Operations Reconsidered: Toward a new baseline**. Abr. 2011. 71 p. M.A. Thesis – Security Studies Program, Georgetown University, Washington D.C, 2011.

\_\_\_\_\_. Assessing Western Perspectives on Chinese Intelligence. **International Journal of Intelligence and Counterintelligence**, Stradsbourg, v. 25, nº 4, p. 678-699, Ago. 2012.

\_\_\_\_\_. Beyond Spy vs Spy: The Analytic Challenge of Understanding Chinese Intelligence Services. **Studies in Intelligence**, College Park, v. 56, nº 03, p. 47-57, Sept. 2012. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/v.-56-no.-3/beyond-spy-vs.-spy-the-analytic-challenge-of-understanding-chinese-intelligence-services.html>>

\_\_\_\_\_. Li Kenong and the Practice of Chinese Intelligence. **International Journal of Intelligence and Counterintelligence**, Stradsbourg, v. 28, n. 3, p. 540-556, May 2015.

MEARSHEIMER, John J. **The Tragedy of Great Power Politics**. New York: W.W. Morton & Company, 2001.

MULVENON, John; YANG, Andrew (Org.). **A Poverty of Riches: New Challenges and Opportunities in PLA Research**. Santa Monica: RAND Corporation, 2005.

NO ORDINARY Zhou. **The Economist**, London, 2 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.economist.com/news/china/21610313-carrying-out-most-significant-purge-generation-xi-jinping-seeks-tighten-his-grip-no>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

O'CONNEL, Kevin M. Thinking about Intelligence Comparatively. **Brown Journal of World Affairs**, Providence, v. 11, n. 1, p.189-199, 2004.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **White Papers of the Government, 16 de Abril de 2013**. The Diverse Employment of China's Armed Forces. 2013. Disponível em: <[http://www.china.org.cn/government/whitepaper/node\\_7181425.htm](http://www.china.org.cn/government/whitepaper/node_7181425.htm)>. Acesso em: 20 set. 2015.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. **China's National Defense in 2008**. Jan., 2009. Disponível em: <[http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content\\_1210227.htm](http://www.gov.cn/english/official/2009-01/20/content_1210227.htm)>. Acesso em: 17 out. 2015.

PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA. Ministry of National Defense. **About PLA**. 2015. Disponível em: <<http://eng.mod.gov.cn/Database/AboutPLA/index.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2015.

PHYTIAN, Mark. Intelligence theory and theories of international relations: shared worlds or separate worlds. In: GILL, Peter; MARRIN, Stephen; PHYTIAN, Mark. **Intelligence Theory: key questions and debates**. New York: Routledge, 2009. p. 54-73.

RICHELSON, Jeffrey T. Chinese Intelligence Organizations. In: \_\_\_\_\_. **Foreign Military Organizations**. Cambridge: Ballinger, 1988. p. 273-305.

SHAMBAUGH, David. **China Goes Global: the partial power**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

\_\_\_\_\_. **Modernizing China's Military: progress, problems, and prospects**. Berkeley: University of California Press, 2004.

SKOCPOL, Theda. Bringing the State Back In: Strategies of Analysis in Current Research. In: EVANS, Peter B; RUESCHEMEYER, Dietrich; SKOCPOL, Theda. **Bringing the State Back In**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 3-37.

SONG, Zhongwei. The Structural Influence of the Military in China's Foreign Policy-Making. **Asian Studies Review**, Oxford, v. 24, n. 1, Mar. 2000.

STRATFOR. **Intelligence Services Part 1: Espionage with Chinese Characteristics**. Austin: Stratfor Global Intelligence, 2010.

STOKES, Mark; HSIAO, Russell. **The People's Liberation Army General Political Department: Political warfare with Chinese characteristics**. Arlington: Project 2049 Institute, 2013. Disponível online em: <  
[http://www.project2049.net/documents/PLA\\_General\\_Political\\_Department\\_Liaison\\_Stokes\\_Hsiao.pdf](http://www.project2049.net/documents/PLA_General_Political_Department_Liaison_Stokes_Hsiao.pdf)>. Acesso em: 22 abr. 2015.

SWAINE, Michael D. **The Role of the Chinese Military in National Security Policymaking**. Santa Monica: RAND, 1998.

WALTZ, Kenneth. **Theory of International Politics**. London: Addison-Wesley, 1979.

WANG, Wei et al. (Org.). **The Chinese People's Liberation Army**. Peking: China Intercontinental Press, 2011.

WARNER, Michael. The Divine Skein: Sun Tzu on Intelligence. **Intelligence and National Security**, London, v. 21, n. 4, p. 483-492, Aug. 2006.

\_\_\_\_\_. Building a theory of intelligence systems. In: TREVERTON, Gregory; AGRELL, Wilhelm. **National Intelligence Systems: current research and future prospects**. New York: Cambridge University Press, 2009. p. 11-37.

WISE, David. **Tiger Trap: America's Secret Spy War with China**. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2011.

WONG, Edward. Chinese Outlets Say Security Official in Graft Case Had 6 Mistresses. **The New York Times**, New York, 30 Mar. 2015. Disponível em:

<<http://www.nytimes.com/2015/03/31/world/asia/chinese-outlets-say-security-official-in-graft-case-had-6-mistresses.html>>. Acesso em: 15 Nov. 2015.

YAN, Xuetong (Org.). **Ancient China Thought, Modern Chinese Power**. Princeton: Princeton University Press, 2011.

ZEGART, Amy. **Flawed by Design**: the evolution of the CIA, JCS, and NCS. Stanford: Stanford University Press, 1999.